

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS

IRISED JOHANNA GARAVITO PLATA

**TRANSVIAGEM:
A PAISAGEM DO SINOS SOB O OLHAR DE UMA VIAJANTE**

PORTO ALEGRE
2016

IRISED JOHANNA GARAVITO PLATA

**Transviagem:
A paisagem do Sinos sob o olhar de uma viajante**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Artes Visuais com ênfase em Poéticas Visuais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sandra Rey (UFRGS)

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Laura Ribero. (Universidade FEEVALE)

Prof^a. Dr^a. Maria Ivone dos Santos (UFRGS)

Prof^a. Dr^a. Teresinha Barachini. (UFRGS)

AGRADECIMENTOS

A mis padres Gabriel Garavito y Carmenza Plata, que desde la distancia me dieron la fuerza, el amor y las ganas de continuar el viaje.

A mi hermanito Gabriel, porque fuiste fuerte y aguantaste a una hermana viajera, porque sin tus aprobaciones en cada decisión que tome no hubiera resistido este camino lleno de distancia y de *Saudade*, porque me hiciste también fuerte para continuar.

A mis hermanos Javier y Luz Ángela, por el cariño y por la paciencia en cada partida y llegada.

A toda mi familia que con sus diferentes contribuciones me hicieron la persona que soy hoy.

A mi compañero de aventuras Tauã de Lucena Rasia, por los diferentes aprendizajes en cada viaje, en cada camino, por la paciencia en las correcciones de mi *portunhol* avanzado y por seguir conmigo este camino... *por que la aventura esta allá afuera!!!*

A Maria Ivone do Santos e Tetê Barachini, pelas valiosas contribuições na qualificação.

A Laura Ribero, por aceitar o convite para ser parte deste processo.

A Sandra Rey, pela sua orientação no processo de mestrado, por suas diferentes contribuições em cada encontro e pelo carinho.

Ao programa de Pós-Graduação e a CAPES, pela bolsa de estudos que viabilizou esta pesquisa.

Si tenemos el sentimiento del esplendor de nuestra experiencia y de su terrible brevedad, concentraremos nuestro ser en un esfuerzo desesperado para ver y para sentir y no tendremos casi tiempo para hacer teorías sobre lo que sentimos o vemos (...) Lo que importa no es el resultado de la experiencia, sino la experiencia misma.

Jean Gattégno y Merlin Holland, 1996

RESUMO

Transviagem: a paisagem do Sinos sob o olhar de uma viajante é um processo artístico a partir do conceito *viagem* no meu ponto de vista como estrangeira sobre a paisagem do rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul, Brasil. Diversas experimentações plásticas e visuais foram realizadas sob conceitos criados para a pesquisa, tendo como fundamento o prefixo “Trans”, pressupondo “ir de um lado para outro como forma de movimento”. O escopo da pesquisa foi centrado nas experiências vinculadas aos lugares visitados e nas relações a partir de inserções diretas na paisagem. A dissertação apresenta uma reflexão sobre os conceitos *TransRio*, *Transandar*, *TRANSposição*, *Transporta*, *Transborda*, *TransbordaDos* e *Em Trânsito*. Abrangendo trabalhos realizados no período 2014-2016, onde foram produzidas fotografias, uma instalação, trabalhos bidimensionais a partir de fotografias dos lugares, e vídeo.

Palavras-chave: Viagem, Rio dos Sinos, fotografia, paisagem.

RESUMEN

Transviaje: el paisaje del río dos Sinos bajo la mirada de una viajante es un proceso artístico a partir del concepto *viaje* desde mi punto de vista como extranjera sobre el paisaje del río de los Sinos, en Rio Grande do Sul, Brasil. Diversas experimentaciones plásticas y visuales fueron realizadas bajo los conceptos creados para la investigación, teniendo como fundamento el prefijo “Trans”, presuponiendo “ir de un lado para otro como forma de movimiento”. El alcance de esta investigación fue centrado en las experiencias vinculadas a los lugares visitados y en las relaciones a partir de inserciones directas en el paisaje. La disertación presenta una reflexión sobre los conceptos *TransRio*, *Transandar*, *TRANSposición*, *Transporta*, *Transborda*, *TransbordaDos* y *En Tránsito*. Abarcando los trabajos realizados en el periodo 2014-2016, donde fueron producidas fotografías, una instalación, trabajos bidimensionales a partir de fotografías de los lugares, y video.

Palabras clave: Viaje, Rio dos Sinos, fotografía, paisaje.

LISTA DE FIGURAS

<i>Fig 1 Irised Johanna Garavito. Nascente do rio Tunjuelo. Bogotá Colombia. Fotografia trabalho 73 Kilometros de travessia rio Tunjuelo. -----</i>	<i>25</i>
<i>Fig 2 Rio dos Sinos. Imagem do Google Earth. -----</i>	<i>28</i>
<i>Fig 3 Mapa do rio dos sinos. Fonte: Projeto rio dos Sinos: http://projetoriiodossinos172.blogspot.com.br/2012/05/bacia-hidrografica-do-rio-dos-sinos.html -----</i>	<i>29</i>
<i>Fig 4 Frame 24 do vídeo Transinos. Imagem do Google Earth. -----</i>	<i>31</i>
<i>Fig 5 Rio dos Sinos. Imagem do Google Earth. -----</i>	<i>32</i>
<i>Fig 6 Irised Johanna Garavito. Fotografia Praia Paquetá Canoas RS. -----</i>	<i>37</i>
<i>Fig 7 Irised Johanna Garavito Intervenção no elevador do Instituto de Artes UFRGS</i>	<i>49</i>
<i>Fig 8 Irised Johanna Garavito. Intervenção no elevador do Instituto de Artes UFRGS -----</i>	<i>50</i>
<i>Fig 9: Thomas Ender, Vista da Enseada de Botafogo 1817 Pintura ao Óleo sobre madeira. -----</i>	<i>52</i>
<i>Fig 10 Jean Hoüel. Plancha n° 86 Voyage Pittoresque des isles de Sicile, de Malte et de Lipari. 1982 -----</i>	<i>53</i>
<i>Fig 11 Jean Hoüel. Plancha n° 87 Voyage Pittoresque des isles de Sicile, de Malte et de Lipari. 1982 -----</i>	<i>54</i>

<i>Fig 12 Gilberto Saldarriaga Roa. Bus, Haiti. Pag. 15; Nazca Perú. Pag 17. Gran Canal Valencia Pag 29. El viaje: el mundo como lugar. Fotografia.</i>	62
<i>Fig 13 Diário de Motocicleta, 2007, Detalhe da exposição, Margem do Rio Cauca, Museo de Arte Moderno de Medellín. Medellín, Colômbia</i>	64
<i>Fig 14 Mateo Lopez. Topografia Anecdótica, 2007. Vista da exposição Galeria Casas Riegner, Bogotá</i>	65
<i>Fig 15 Paulo Nazareth. Projeto para zona verde de Liberda. MG Brasil. Desenhos 2009.</i>	68
<i>Fig 16 Paulo Nazareth. Projeto Cara de Índio. Governador Valadares 2011.</i>	71
<i>Fig 17 Andre Vicente Gonçalves. Serie Windows of the world- Venecia Italia. Fotografia. / Serie Doors of the world- Europa, Espanha. Fotografia.</i>	72
<i>Fig 18 Irised Johanna Garavito. Nascente. Fotografias da nascente do rio dos sinos no município de Caraá RS</i>	75
<i>Fig 19 Irised Johanna Garavito. Registros Localidade de Fraga, Caará RS.</i>	78
<i>Fig 20 Irised Johanna Garavito. Flora e fauna rio dos Sinos. Trilha da nascente. Caraá-RS.</i>	80
<i>Fig 21 Rota, Agronomia- Porto Alegre RS a Caraá RS. Imagens Google Maps.</i>	81
<i>Fig 22 Irised Johanna Garavito. Processo de criação de TRANSposição.</i>	85
<i>Fig 23 Irised Johanna Garavito. TRANSposição, Fotografias da nascente do rio dos Sinos rasgadas e trançadas manualmente.</i>	87

<i>Fig 24 Irised Johanna Garavito. TRANSposição, Fotografias da nascente do rio dos Sinos rasgadas e trançadas manualmente.</i>	88
<i>Fig 25 Irised Johanna Garavito. TRANSposição, Fotografias da nascente do rio dos Sinos rasgadas e trançadas manualmente</i>	89
<i>Fig 26 Richard Long, A line Made by Walking (1967)</i>	91
<i>Fig 27 Bruce Nauman. "Walking in a Exaggerated Manner Around the Perimeter of a Square" [1967-68]. Vídeo 16mm, 10 min 30 segs. Fonte:</i>	
<i>https://www.youtube.com/watch?v=oDhuZ2Ya2wM</i>	92
<i>Fig 28 Registro. Trilha da nascente do rio dos Sinos.</i>	94
<i>Fig 29 Rota Porto Alegre Caraá de carro ou moto pela via 290. E do município de Caraá à Localidade de Fraga, entrada da trilha: nascente do rio dos Sinos. Fonte Google maps</i>	97
<i>Fig 30 Irised Johanna Garavito. Cachoeira Localidade de Fraga, Caraá RS. Fotografia.</i>	99
<i>Fig 31 Irised Johanna Garavito. Cachoeira 121 metros. Trilha do rio dos Sinos Caraá RS.</i>	100
<i>Fig 32 Irised Johanna Garavito. Cachoeira 21 metros. Trilha do rio dos Sinos Caraá RS.</i>	100
<i>Fig 33 Irised Johanna Garavito. Transandar. Instalação. Fotografias trançadas da trilha do rio dos sinos.</i>	103

<i>Fig 34 Irised Johanna Garavito. Transandar. Instalação. Fotografias trançadas da trilha do rio dos sinos.</i>	104
<i>Fig 35 Irised Johanna Garavito. O encontro de dois grandes. Fotografia foz do Rio dos Sinos.</i>	107
<i>Fig 36 Irised Johanna Garavito. Transbordamento rio dos Sinos Caraá RS. Fotografias.</i>	110
<i>Fig 37 Irised Johanna Garavito. Registro rio dos Sinos Verão 2015 localidade de Fraga.</i>	111
<i>Fig 38 Registro da experiência. Fotografia cortesia de Tauã de Lucena Rasia.</i>	112
<i>Fig 39 Irised Johanna Garavito. Serie transborda. Tamanho 60X 30 cm. Fotografia com edição digital</i>	115
<i>Fig 40 Irised Johanna Garavito. Serie Trasborda 2. Tamanho 60 x 30 cm</i>	116
<i>Fig 41 Irised Johanna Garavito. Serie Transborda 3. Tamanho 60 X 30 cm</i>	117
<i>Fig 42 Irised Johanna Garavito. Registros de viagem novo Hamburgo julho 2015.</i>	127
<i>Fig 43 Irised Johanna Garavito. Rio dos Sinos, Campo Bom e Novo Hamburgo, 20 de outubro de 2015</i>	128
<i>Fig 44 Irised Johanna Garavito. Registros Nova Santa Rita-RS. Agosto de 2015.</i>	131
<i>Fig 45 Irised Johanna Garavito. Registros feitos Rodovia do Parque, Canoas RS</i>	132
<i>Fig 46 Irised Johanna Garavito. Registros, Rodovia do Parque e avenida Canoas, 17 de outubro de 2015.</i>	134

<i>Fig 47 Rota para trabalho de campo dia 02 de fevereiro de 2016. Imagem Google Maps -----</i>	<i>136</i>
<i>Fig 48 Rota saída de campo 13 de fevereiro de 2016. Imagem Google Maps.-----</i>	<i>137</i>
<i>Fig 49 Irised Johanna Garavito. Registros feitos Rodovia do Parque, Canoas RS. -</i>	<i>139</i>
<i>Fig 50 Irised Johanna Garavito. Registros feitos Rodovia do Parque RS -----</i>	<i>140</i>
<i>Fig 51 Irised Johanna Garavito. Registros feitos Campo Bom RS. -----</i>	<i>140</i>
<i>Fig 52 Irised Johanna Garavito. Serie Transborda-Dos. Registros Canoas RS -----</i>	<i>141</i>
<i>Fig 53 Irised Johanna Garavito. Serie Transborda-Dos. Registros feitos em São Leopoldo RS. -----</i>	<i>142</i>
<i>Fig 54 Irised Johanna Garavito. Serie Transborda-Dos. Registros feitos São Leopoldo-RS. -----</i>	<i>143</i>
<i>Fig 55 Irised Johanna Garavito. Em Trânsito. Fotografias 15x23 cm. -----</i>	<i>153</i>
<i>Fig 56 Irised Johanna Garavito. Em Trânsito. Fotografias 15x23 cm. -----</i>	<i>154</i>
<i>Fig 57 Irised Johanna Garavito. Em Trânsito. Fotografias 15x23 cm. -----</i>	<i>155</i>
<i>Fig 58 Irised Johanna Garavito. Em Trânsito. Fotografias 15x23 cm. -----</i>	<i>156</i>

SUMARIO

INTRODUÇÃO.....	16
CAPITULO I: O caminho, meu destino	21
1.1. A escolha do lugar.....	22
1.2. Delimitando a área de estudo.....	26
1.3. O TransRio.....	30
CAPITULO II: A Viagem	37
2.1. Viagem.....	39
2.2. Transporta.....	43
2.2.1 A viagem <i>Transporta</i>	44
2.2.2 Processo de criação <i>Transporta</i>	47
2.3. Historias De Viagem.....	51
2.3.1. Alguns viajantes da história: expedições a novas terras	52
2.3.2 A viagem através da obra de alguns Artistas contemporâneos.....	62
2.4. Transferência.....	74
CAPITULO III: Os passos de uma viajante	76

3.1.TRANSposição.....	77
3.1.1.Caracterização física do lugar	79
3.1.2. Diário de Viagem: ao Caraá	81
3.1.3. Processo de criação TRANSposição	84
3.2. A caminhada como prática segundo alguns autores.....	90
3.3 Transandar.....	94
3.3.1 Diário de Viagem: trilha nascente do rio dos sinos.....	97
3.3.2. Processo de criação	101
CAPITULO IV: Olhares à paisagem.....	107
4.1.Transborda.....	108
4.1.1. Diario de viagem: Ao encontro	109
4.1.2 Processo de criação transborda	113
4.2 A paisagem a partir do olhar cultural.....	118
4.3.Transborda-Dos.....	123
4.3.2. Diário de Viagem: A exploração	126
4.3.3. Diário de Viagem: Re-conhecimento	135
4.4. A paisagem no cotidiano.....	144

4.5 EM TRÂNSITO.....	148
4.5.1 Caracterização física do lugar	149
4.5.2. Processo de criação	152
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	157
REFERÊNCIAS	160

INTRODUÇÃO

Transviagem: a paisagem do Sinos sob o olhar de uma viajante. Esta pesquisa aborda o conceito da viagem como uma *prática estética*, resignificando, sob o olhar de um viajante estrangeiro, uma paisagem que é comum para seus habitantes locais. Este trabalho circunscreve o prefixo “trans” com a intenção de recriar múltiplos olhares às paisagens que rodeiam o rio dos Sinos, por meio da fotografia digital e das artes plásticas. Este “Trans” se entende desde o conceito de *transitar*; ir de um lugar a outro; viajar fazendo paradas. Também parte do conceito de *transcendência* (*trans* - além e *scando* - escalar) entendendo-o como: passar de um âmbito a outro, atravessando o limite que os separa. Também se liga à noção de movimento como forma de se deslocar no mundo, viajando de diferentes maneiras. Os conceitos desenvolvidos artisticamente neste trabalho são: *TransRio*, *Transporta*, *Transborda*, *Transborda-Dos*, *TRANSposição*, *Transandar*, e *Em Trânsito*.

As paisagens encontradas no percurso de uma viajante permitem vislumbrar poéticas visuais por meio da elaboração de experiências artísticas. A fotografia possibilita narrar a transformação paisagística de um lugar e permite que o leitor se transporte e percorra espaços ainda não visitados por ele. No *caminhar como prática* do viajante o território se transforma, fazendo de seus passos uma intervenção naquela paisagem. Como resultado da resignificação da paisagem a partir da experiência da viagem,

realizei um encadeamento entre o prefixo *trans* e a palavra viagem criando um termo para esta pesquisa: *Transviagem*. Este se compreende a partir da possibilidade de percorrer um território e querer atravessá-lo de diversas maneiras, em pesquisas *in-loco*. Este trabalho procura ir além de percorrer o rio, pois também se trata da intenção de senti-lo através de outras experiências – neste caso, estéticas, plásticas e literárias – buscando assim diferentes possibilidades artísticas e transdisciplinares, realizadas neste processo de deslocamento.

O trabalho foi desenvolvido a partir de registros fotográficos realizados nos arredores do rio dos Sinos, no Rio Grande do Sul, Brasil. Especificamente, foram três lugares visitados: na nascente, no município de Caraá; no médio curso do rio, entre os municípios de São Leopoldo e Novo Hamburgo e; na foz, localizada na praia Paquetá, no município de Canoas. Estes três lugares foram escolhidos como forma de narração dos acontecimentos, fazendo uma comparação metafórica com as partes de um conto ou como as partes da narração de uma viagem: introdução, desenvolvimento e conclusão.

Esta dissertação se insere na linha de pesquisa desdobramentos da imagem e surgiu pelo interesse pessoal na temática da viagem, posicionando-a como ativadora em meus processos de criação artística, assim como na minha forma de vida. A interação com o território escolhido para a pesquisa me propiciou uma série de experiências

que ajudaram em meu crescimento pessoal e profissional, conhecendo costumes, culturas, caminhos e problemáticas sociais da região visitada. Isto possibilitou uma aproximação com o lugar a partir de experiências no campo da arte. A experiência artística é subsidiada pelo dispositivo fotográfico. A partir de fotografias tiradas durante os percursos realizados contemplo diversas possibilidades criativas que surgiram a partir do reconhecimento e interação com um lugar na paisagem, permitindo também me representar neste espaço, visto por mim, até então, apenas em cartografias. A pesquisa leva em conta a passagem de uma visão estrangeira que procura coincidências entre um lugar e outro, do conhecido ao desconhecido, realizando assim uma concatenação de experiências *in loco* com experimentações em ateliê a partir das imagens captadas. A redação do presente texto articula a experiência na paisagem com experimentações em ateliê e estudos teóricos sobre o conceito de viagem e considerações sobre o espaço geográfico, e como percebo essas relações em práticas artísticas contemporâneas e na literatura.

Este texto é constituído por quatro capítulos. No primeiro, intitulado –*Meu caminho, meu destino* –, é exposto o lugar escolhido, descrevendo o trabalho *TransRio* como forma de apresentar esta região com sua geografia particular. No segundo capítulo – *A viagem* – é apresentado o conceito de viagem abordado nesta pesquisa,

referenciando alguns autores e suas histórias. Também nesta parte do trabalho se encontra a proposta intitulada *Transporta*, como uma incitação à viagem.

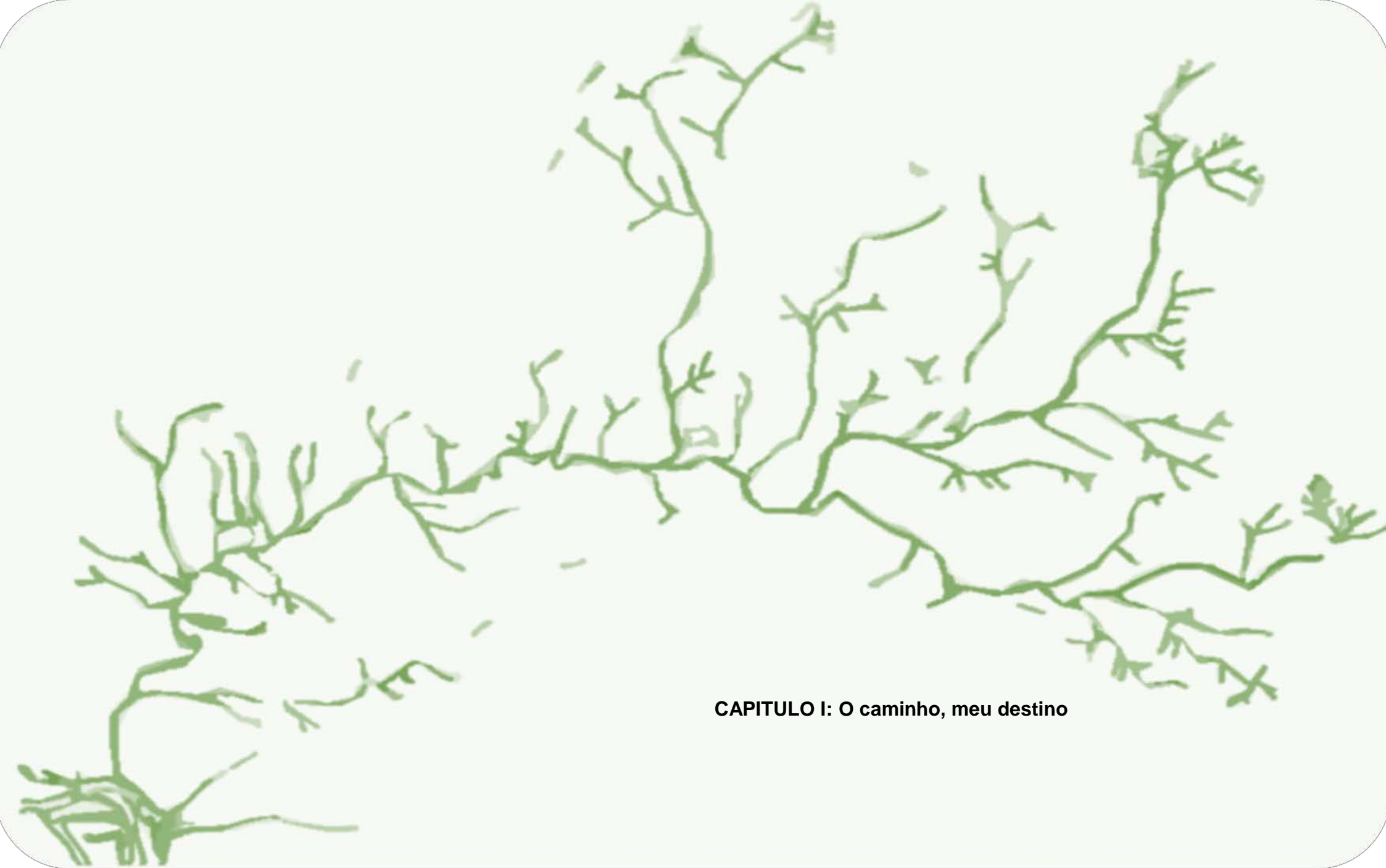
Os capítulos 3 e 4 apresentarão fragmentos dos diários de viagem, com a fonte *Century Gothic* em tamanho 11, para serem diferenciados do restante do texto, cabendo esclarecer que estes trechos não estão apresentados em ordem cronológica, visando uma melhor estruturação do corpo da presente dissertação. Também são apresentadas as caracterizações físicas das regiões superior, média e baixa do rio.

No terceiro capítulo – *Os passos de uma viajante* – se apresenta o trabalho *TRANSposição*, o qual foi realizado como obra para a exposição INTERDITO¹. Em seguida são abordados alguns artistas que trabalham a caminhada como prática artística, introduzindo assim o trabalho *Transandar*, que foi produzido a partir de uma viagem até a cachoeira da nascente do rio dos Sinos, no município de Caraá.

No capítulo final – *Olhares à paisagem* – procura-se desenvolver, a partir do olhar cultural, a questão de como poderia ser feita uma ressignificação da paisagem em uma sociedade desconhecida sob o ponto de vista do viajante. Neste mesmo capítulo serão apresentados os trabalhos *Transborda* e *Transborda-dos*, realizados em um

¹ Este trabalho foi apresentado na exposição INTERDITO do grupo de pesquisa de Processos Híbridos Contemporâneos, coordenado pela Profa, Dr^a Sandra Rey, apresentado no Museu Universitário de Arte (MUNA) em Uberlândia-MG.

processo de acompanhamento do estado e dos níveis do rio em diferentes épocas do ano. E, finalmente, é apresentado o trabalho *Em Trânsito*, mostrando alguns dos caminhos percorridos na região inferior do Sinos, através de imagens em formato documental.



CAPITULO I: O caminho, meu destino

1.1. A escolha do lugar

As experiências a partir da viagem vêm pela necessidade pessoal de percorrer espaços ainda não conhecidos e registrá-los por meio da fotografia, experimentando diferentes formas de criação e montagem como narrativa visual, de forma manual e através de softwares de edição e tratamento de imagens.

A escolha do lugar surgiu de uma casualidade, pois em uma de minhas viagens pessoais, ao chegar no Rio Grande do Sul, Brasil, fiz um passeio de trem (no *Trensurb*) e encontrei, na cidade de Novo Hamburgo, uma paisagem que me atraía esteticamente. Essa paisagem circunda o rio dos Sinos. Este rio, aparentemente, tinha uma extensão muito grande, e isto potencializou em mim um desejo de descoberta. Além disso, vi ali a possibilidade de prosseguir o andamento de meu trabalho anterior e fazer, de certa maneira, algumas correlações teóricas e práticas que poderiam me auxiliar num processo de criação plástica e visual.

Desde os inícios de minha experimentação artística nas artes visuais sempre procurei a imagem como meio de expressão. Em minha faculdade de Licenciatura em Artes, experimentei com diferentes meios áudio-visuais, procurando uma identidade. Meus primeiros trabalhos foram com animação, com o software *Flash* da *Suite de Adobe*,

realizando um curta de três minutos intitulado *El príncipe 2009*² narrando a história de um personagem que havia perdido a sua coroa. Depois daquela experiência, comecei um curso de Técnico em Ilustração Digital, aprendendo outras ferramentas e técnicas, onde desenvolvi minha criação visual, o desenho e a publicidade. Mais adiante me interessei pela fotografia analógica, pela sua reprodução e seus resultados na impressão. Finalmente encontrei na fotografia digital uma melhor forma de expressão, já que esta me permitiu representar o que acontecia à minha volta e, se surgia algum erro, podia corrigir através da manipulação digital com softwares como *Photoshop* e *Illustrator*. Me foquei na fotografia ambiental, em especial corpos d'água, como rios e lagoas, evidenciando as problemáticas de minha cidade natal, e na paisagem como objeto fotográfico que capta as representações de meu olhar e de meu transitar.

No ano de 2012 realizei uma pesquisa, para obter o grau de Licenciada em Educação Artística na cidade de Bogotá, Colômbia, intitulada *73 quilômetros de travessia rio Tunjuelo*. O rio Tunjuelo é o segundo maior da cidade de Bogotá, com sua nascente no Páramo de Sumapaz³ onde tem suas águas cristalinas, atravessando em seguida o sul da capital e desaguando no rio Bogotá. O rio *Tunjuelo* é considerado um dos

² Este curta foi exposto no Museu de Arte moderno da cidade de Bogotá na Colômbia.

³ O Páramo de Sumapaz é o maior do mundo, localizado na Colômbia, na localidade 20 da cidade de Bogotá e com uma altitude de 4650 msnm (metros sobre o nível do mar). Este é um ecossistema montanhoso intertropical, com predomínio de vegetação rasteira. Esses ecossistemas se encontram normalmente em altitudes de 3000 a 5000 msnm. O Páramo é uma das fontes hídricas mais importantes da Colômbia e é responsável por abastecer a zona sul da cidade de Bogotá.

mais poluídos da Colômbia, pois no seu percurso recolhe resíduos de diversas empresas que se encarregam de causar um grande impacto paisagístico e literalmente matar o rio, ou seja, a poluição é tanta que já não há níveis suficientes de oxigênio para manter o seu ecossistema, e no seu encontro com o rio Bogotá a situação fica ainda mais crítica. Naquela pesquisa criei um livro digital no programa *Adobe Flash*, que narrava, por meio da fotografia, um percurso feito a pé pelos 73 quilômetros do leito do rio. Esta caminhada foi feita em quatro dias com a companhia de aproximadamente 150 pessoas de diferentes grupos ambientais e de escolas da capital colombiana, com paradas apenas para comer e dormir. O resultado foi bastante positivo, pois alcancei os objetivos da pesquisa e foi possível, a partir do livro digital, divulgar o trabalho realizado pelos grupos ambientais, assim como a importância hídrica e paisagística deste rio para a cidade de Bogotá.

O rio dos Sinos, por sua vez, me ofereceu múltiplas possibilidades, já que em seus 190 quilômetros de leito eu poderia encontrar diferentes lugares, que jamais haviam sido para mim uma zona de conforto ou de conhecimento.

O rio me apresentou uma nova possibilidade de viagem e de descobrimento. Era o que eu procurava!



Fig 1 Irised Johanna Garavito. Nascente do rio Tunjuelo. Bogotá Colombia. *Fotografia trabalho 73 Kilometros de travessia rio Tunjuelo.*

Meu primeiro encontro com o rio dos Sinos foi na cidade de São Leopoldo sobre o viaduto da rodovia BR-116, onde fiz uma caminhada pelo seu leito até a rua da Praia, próximo ao Parque do Imigrante. Logo depois, procurei conhecer a sua foz, localizada na cidade de Canoas, mais precisamente na praia Paquetá. A finalidade destas caminhadas foi conhecer e pensar num possível enfoque para o meu novo trabalho. Nessa visita ao Sinos percebi uma primeira diferença em relação ao Tunjuelo, pois

neste “novo lugar” o rio não se polui mais no contato com outros rios. Pelo contrário, está em contínua metamorfose e quando deságua no Jacuí dá a impressão que suas águas renovam o fôlego para seguirem rumo ao lago Guaíba. Ele transcende e se transforma, assim como o viajante que cruza um caminho difícil e continua sua viagem. O rio dos Sinos surpreendeu com suas especificidades, pois para mim nada ali era previsível. Então tive que pensar e repensar meu projeto de mestrado, pois agora não seria necessariamente de caráter ambiental e denunciativo, seguindo mais um caminho estético, visual, poético...

1.2. Delimitando a área de estudo

O rio dos Sinos⁴ situa-se no nordeste do Rio Grande do Sul, entre as coordenadas geográficas de 29°20´ a 30°10´ de latitude Sul, e 50°15´ a 51°20´ de longitude oeste. Nasce no município de Caraá a 900 metros sobre o nível do mar na Serra Geral, percorre cerca de 190 quilômetros e 32 municípios até desembocar em Canoas, a uma altitude de 5 metros, na Praia Paquetá. Ali o Sinos deságua no rio Jacuí que une também o Taquarí, o Caí e o Gravataí, formando o Delta do Jacuí e mais adiante passa a ser o lago Guaíba, banhando a cidade de Porto Alegre na sua margem esquerda e as cidades de Guaíba e Barra do Ribeiro na margem direita. O lago Guaíba avança até a lagoa dos Patos para depois finalmente descansar no Oceano

⁴ Informação providenciada pela Secretaria Estadual do Meio Ambiente (SEMA) do Rio Grande do Sul.

Atlântico, entre as cidades de São José do Norte de Rio Grande. O trecho inferior da bacia hidrográfica do Sinos caracteriza-se por declividades suaves a quase nulas, com formação de meandros e zonas de sedimentação. Neste trecho, que se estende de Campo Bom até a foz no delta do Jacuí, os principais arroios formadores da bacia drenam importantes centros urbanos e industriais. As águas do rio são destinadas ao abastecimento público, irrigação e uso industrial. (FEPAM, 200, pág. 7)

A bacia hidrográfica do rio dos Sinos abrange as províncias geomorfológicas do Planalto Meridional e da Depressão Central. Possui área de 3.746,68 km² e além de construir uma das regiões mais industrializadas do estado abriga cerca de 1,6 milhões de habitantes com cerca de 90% da população concentrada em áreas urbanas. O rio dos Sinos pertence à região hidrográfica do Guaíba, considerada como o *tronco hidrográfico* do Rio Grande do Sul. O nome Sinos, segundo a geografia, vem da sinuosidade do seu percurso, desenhando um caminho repleto de meandros, mudando a direção de suas águas, que correm inicialmente ao longo do eixo leste-oeste até o município de São Leopoldo, e logo mudam para o eixo norte-sul.

No que diz respeito ao nome do rio dos Sinos o pesquisador Paulo Prestes faz um trabalho que deixa como resultado o livro *Se o Sinos falasse e outras histórias à margem do Rio*, onde narra desde a geografia do lugar, até as culturas e sociedades que se beneficiaram do rio para se desenvolver. No primeiro capítulo o autor faz

referência aos povos indígenas que ocuparam a beira do rio, e os colonos que chegaram depois para se estabelecer no lugar, falando também do nome que foi dado ao rio. (2008, pág. 38.)

O nome do rio: Um padre jesuíta o “batizou” de rio dos Sinos, mas antes ele era conhecido como “Itapuy”, palavra de origem indígena, cujo significado é o seguinte: Ita= pedra, pu= ruído, y= água, ou seja, “barulho das pedras que rolam”. Era conhecido também como “Cururuai”, palavra indígena, que significa “rio dos ratões do banhado”.



Fig 2 Rio dos Sinos. *Imagem do Google Earth.*

Segundo os relatos dos habitantes da bacia hidrográfica o nome do rio foi dado pela condição sinuosa que tem. No entanto, outros habitantes que moram mais próximo às cachoeiras e à nascente do rio contam que o nome foi dado devido ao som da água batendo nas pedras, que na época de chuva, avisa sobre as enchentes.



Fig 3 Mapa do rio dos sinos. Fonte: projeto rio dos Sinos: <http://projettoriiodossinos172.blogspot.com.br/2012/05/bacia-hidrografica-do-rio-dos-sinos.html>

1.3. O TransRio

O TransRio é um termo concebido a partir da pesquisa de práticas e ações artísticas contemporâneas e da experiência. O conceito é analisado por meio da visão do viajante que percorre e atravessa espaços ainda não conhecidos, para reinterpretá-los a partir de suas vivências e tradições culturais. É ali onde a paisagem forma parte fundamental do percurso e se transforma a partir de múltiplos olhares. No termo proposto se faz uma concatenação ente o prefixo “trans” (além) e o substantivo “rio” (referente ao rio dos Sinos), criando assim o termo *TransRio*.

Ao momento de conhecer um lugar ou espaço, o sujeito/observador/viajante encontra certas fronteiras que delimitam as paisagens, e nesse encontro com o “novo”, como fala Bhabha (1998), o espaço não faz parte do *continuum* de passado e presente. O observador “cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado”. Esta interação com o lugar faz o sujeito agir de forma que renova o seu passado, reconfigurando-o como um “entre-lugar”, que por sua vez interfere na atuação do presente, que passa a ser parte de sua experiência e não de uma nostalgia de viver, já que esta resignificação se dá a partir do desconhecido, do novo.

Numa aula da pós-graduação um professor me perguntava por que o rio dos Sinos? O que era esse “algo” que viam os estrangeiros para querer fotografar aquele rio “sem graça” no Rio Grande do Sul? Eu, no momento, só respondi que ele tinha me interessado por que nele vi coisas que não vi em nenhum outro. Apesar de não conhecer o lugar em sua totalidade, este espaço e território deixava uma obsessão pessoal para ser descoberto e a partir de suas memórias rever ou ver com olhos novos.



Fig 4 Frame 24 do vídeo Transinos. Imagem do Google Earth.

Este trabalho –TransRio- surge como proposta de obra através do percurso aéreo da nascente do rio dos Sinos até a sua foz, produzido com imagens do *Google Earth*, com o fim de fazer uma visão geral do rio e das cidades que o rodeiam, possibilitando uma visita virtual à área de estudo. TransRio é um vídeo em *loop* de 15m 28seg, feito com um ângulo de inclinação de 60 graus, com um alcance de câmera de aproximadamente 100 metros realizado com imagens de satélite do programa Google Earth, fazendo uso das ferramentas *criar rotas* e *gravar um passeio*. Este trabalho me permitiu arranjar uma sequência pelo leito do rio, movendo de maneira contínua a imagem, intercalando com aproximação e afastamento (*zoom in* e *zoom out*) para alguns detalhes, e assim obtive um seguimento sem interferências.

Mas será que estes recursos digitais convidam também à viagem e permitem o reconhecimento de lugares fazendo do percurso parte da experiência?

No momento de realizar o trabalho TransRio percebi que, por meio da visualização das imagens de satélite eu estava, de certa forma, realizando uma viagem, pois estas imagens me mostravam áreas e lugares que eu não conhecia e que no transcurso se convertiam em possíveis rotas e/ou destinos a serem visitados, mas ao mesmo tempo seriam lugares já percorridos, ainda que virtualmente. Nesta viagem não precisava me mover do lugar, apenas me concentrar nos caminhos que o rio sinuoso seguia. Uma viagem relaxante, mas que exigia também minha atenção para não perder o rio de vista, ou mesmo seguir o rumo de algum de seus afluentes.



Fig 5 Rio dos Sinos. Imagem do Google Earth.

O TransRio é um termo que vem das sensações da viagem através de meios tecnológicos e uso de *softwares*, esse *trans* que vai além das possibilidades físicas de percurso do rio, permitem seguir seu comprimento de maneiras que possivelmente não conseguiria, não fosse através de estes recursos. Este trabalho pode ser visto como uma forma de virtualidade⁵, onde se facilita o conhecimento de um lugar específico e até a realização de um percurso.

Ao acessar o computador e fazer uma viagem distinta das que eu estava acostumada (caminhadas de mochila), pensei nas múltiplas possibilidades que a virtualidade me apresentaria, e em suas limitações. Muitas perguntas me surgiam, como: Quantas

⁵ Compreende-se como virtual, desde seu significado procedente do latim *virtus*, à força ou virtude que possui a capacidade de produzir um efeito, ainda que não o produza no presente, e também sua compreensão como existência efetiva e real. Echavarría (2000 pág. 23)

vezes já fiz este tipo de viagens no *google maps*, por exemplo, procurando um endereço ou uma cidade para visitar? Quantas vezes tive o sentimento que “já passei por esse lugar” antes de haver ali caminhado? Como é possível que a tecnologia nos permita “caminhar pelas ruas” e “atravessar fronteiras” sem sair de nossa comodidade do lar? Depois de questionamentos como esses refleti quanto às “novas tecnologias” que se expandem rapidamente no transcurso dos dias. Estas virtualidades, assim como nos permitem realizar e conhecer muito, nos falam também passivamente dessas desconexões com o real, fazendo da experiência uma ação cada vez mais impessoal.

Na imagem fixa ou fotografia, segundo seu contexto, pode ter diversas significações. É por isto que podemos defini-la como documento social, estabelecendo-se como memória visual/histórica e como meio de representação/comunicação.

Jacques Aumont⁶ define como funções da imagem a:

1. A função simbólica: Tem que ver com a representação de símbolos religiosos (iconologia) e políticos (o progresso e a liberdade).
2. O modo epistémico: A imagem aporta informações visuais sobre o mundo, cujo conhecimento permite inclusive ver alguns dos aspectos não visuais.

⁶ AUMONT, Jacques. *La imagen*. Editorial Paidós Comunicación, 1992 Pag 4-5

3. Modo estético: A imagem está destinada a agradar a seu espetador, proporcionando sensações específicas.

Para o fotógrafo Felix del Valle Gastaminza⁷ a definição de função epistêmica *Es una función general de conocimiento y la fotografía cumple de este modo una función mediadora; el fotógrafo nos sustituye o mejor nos representa en el lugar del hecho, es nuestros ojos e incorpora lo no vivido a nuestra memoria.* Esta função de conhecimento e mediação é especialmente significativa na fotografia documental, na fotografia de imprensa e científica. Pois além de informar, transporta o leitor ao lugar dos fatos, sem a necessidade de ele se deslocar ao lugar onde foi realizada a tomada da fotografia. Assim, as imagens que narram o percurso podem ser vistas desde a função epistêmica, pois se convertem em suporte que permite a difusão, a exibição e a propagação, caracterizando a imagem fotográfica por ser real ao momento de ser registrada pelo fotógrafo.

Na fotografia apesar de perder certos elementos da realidade, não deixa de ser uma representação da mesma, agregando a exigência que pede o leitor para que “complete” a cena desde sua subjetividade, remetendo-o num lugar reconhecido em sua memória visual e fazendo que as informações sonora, tátil, gustativa e olfativa estejam presentes indiretamente. *Por ende hay que insistir en que cuando analizamos*

⁷ GASTAMINZA, Félix. *Manual de documentación fotográfica*. Madrid: Editorial Síntesis, 1999. Pag. 10

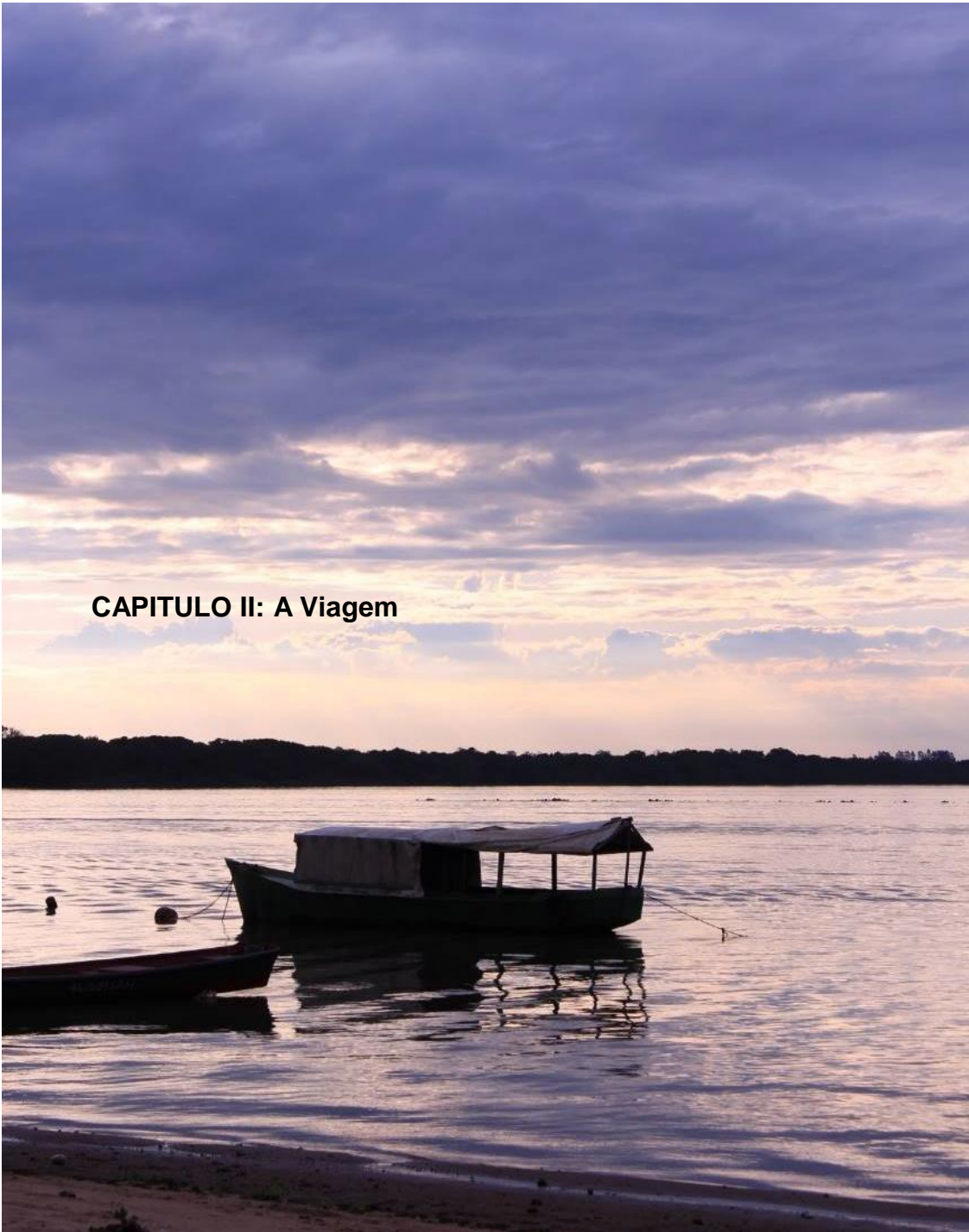
fotografías no analizamos la realidad sino una representación de la realidad, si bien es cierto que se trata de una representación que percibimos muy fiel pese a los códigos. Gastaminza (1999).

Por outro lado, o termo *realidade virtual* (atribuída por Jaron Lanier, escritor e informático estadunidense, em 1980)⁸ é a simulação computadorizada que se apresenta em diferentes âmbitos sociais e culturais, assim como a invenção de novos processos perceptivos. As primeiras provas com realidade virtual foram postas em prática para uso militar, representando os efeitos de uma bomba e do combate aéreo por meio de simuladores de voo (Echavarría, 2000) e logo depois em situações tão “reais” como em um *videogame*, onde a partir de experiências vividas se recriam cenários e atividades próximas à realidade. Outro exemplo são as provas de direção veicular com simuladores, utilizadas atualmente na formação de condutores, substituindo as provas práticas que anteriormente eram feitas em vias públicas com acompanhamento de um instrutor que avaliava os resultados. Estas, ao mesmo tempo que facilitam a aprovação, não podem ser comparadas com a experiência “real”, com as implicações de trânsito atuais do mundo material.

Outro nível de virtualidade a partir das novas tecnologias são as chamadas redes sociais *como Facebook e Twitter*, onde as pessoas se relacionam mais pelo contato

⁸ Ver Javier Echavarría *Virtualidad y grados de realidad*. Pag. 23-29. 2001.

virtual que fisicamente. Isto “facilita” ações como interação e comunicação entre pessoas diminuindo as distancias físicas e nos dá a possibilidade de conhecer lugares e pessoas de diferentes partes do mundo. Para alguns, estas redes sociais proporcionam um grau de confiança e empoderamento, o que possivelmente no contato físico/real não aconteceria. Os relacionamentos afetivos também são possíveis devido às comunicações constantes (não físicas) através destes meios de comunicação, levando algumas vezes as pessoas a só se apresentarem fisicamente depois de meses ou anos. Já no ponto de vista educativo, estas virtualidades podem ser aplicadas no processo acadêmico como ferramentas de interação entre estudantes, aproveitando o intercâmbio constante de informação como um recurso positivo.

A photograph of a boat on a lake at sunset. The sky is filled with dark, heavy clouds, with a bright orange and yellow glow from the setting sun breaking through near the horizon. The water is calm, reflecting the colors of the sky. In the foreground, a small boat with a canopy is moored near the shore. The text "CAPITULO II: A Viagem" is overlaid in the center of the image.

CAPITULO II: A Viagem

Fig 6 Irised Johanna Garavito.
Fotografia Praia Paquetá Canoas RS.

VIAJAR

*Viajar es marcharse de casa,
es dejar los amigos
es intentar volar
volar conociendo otras ramas
recorriendo caminos
es intentar cambiar.*

*Viajar es vestirse de loco
es decir "no me importa"
es querer regresar.
Regresar valorando lo poco
saboreando una copa,
es desear empezar.*

*Viajar es sentirse poeta,
es escribir una carta,
es querer abrazar.
Abrazar al llegar a una puerta
añorando la calma
es dejarse besar.*

*Viajar es volverse mundano
Es conocer otra gente
Es volver a empezar.
Empezar extendiendo a mano,
Aprendiendo del fuerte,
Es sentir soledad.*

*Viajar es marcharse de casa,
Es vestirse de loco
Diciendo todo y nada con una
postal.
Es dormir en otra cama,
Sentir que el tiempo es corto,
Viajar es regresar.*

Gabriel Garcia Márquez.

2.1. Viagem

Quando falamos de viagem, por nossas cabeças passam infinitas possibilidades. Para algumas pessoas como eu a viagem é sinônimo de liberdade, de felicidade...

Desde a infância, uma de minhas maiores expectativas do ano era que chegassem as férias. A curiosidade de conhecer novas coisas, cidades e pessoas fez de mim uma pessoa amante das viagens e das aventuras. Depois, à medida que fui crescendo, fui percebendo que eu conseguia chegar cada vez mais longe e sem a necessidade de muitos recursos econômicos, então a viagem para mim se converteu não somente em um *hobbie*, se não em um estilo de vida.

A primeira grande viagem que realizei foi na Venezuela, aos 18 anos de idade. Pela primeira vez na vida subia em um avião e saía do país onde nasci. Era uma viagem de descobrimentos, mesmo sendo a um país vizinho. Lá haviam muitas coisas diferentes, como as comidas e um “outro espanhol” que ainda não conhecia. Foi nesta oportunidade também que conheci o mar, pois antes não havia tido a possibilidade de ir a beira mar em meu país. Como nunca havia estado ao nível do mar, estranhei muito a pressão do ar que é muito maior que em Bogotá, que se encontra a 2.600 metros sobre o nível do mar. Caminhava apenas duas quadras e já sentia muito cansaço, sendo que estava acostumada a longas caminhadas em minha cidade. Nessa viagem, além de conhecer muitas cidades venezuelanas, até mais do

que já conhecia na Colômbia, conheci muito sobre mim mesma. Descobri que era capaz de fazer muito mais do que pensava e aprendi a valorizar minha família e a segurança que ela me traz.

Mais adiante, ao terminar minha graduação, e com mais experiência, decidi sair “de mochilão” para conhecer a Cordilheira dos Andes. Viajei da minha cidade natal Bogotá, na Colômbia, até Porto Alegre, no Brasil, percorrendo cerca de 8 mil quilômetros, passando por Equador, Perú, Bolívia e o norte da Argentina, sendo esta a viagem mais longa que já fiz até hoje. Em outra viagem, na sequência, fui de Porto Alegre até Maldonado, no Uruguai e, em outra oportunidade, de Porto Alegre até Buenos Aires, na Argentina. Sempre andei a pé, de carona, de moto ou, no último dos casos, de ônibus. Por meio dessas viagens pude conhecer diversas culturas, pessoas, terras, climas, comidas e águas de diferentes cores. Aprendi a falar “outros espanhóis” e estou aprendendo o português. Aprendi que a vida não é fácil, e aprendi também, a pedir favores. Aprendi a baixar a cabeça e que há pessoas boas no mundo e aprendi, principalmente, que ainda tenho muito por conhecer e aprender.

Atualmente temos diferentes formas de viajar, seja com o ato de caminhar ou em diferentes meios de transporte para transpassar lugares e fronteiras. Fazemos viagens pelos mais diversos motivos, podendo ser viagens de trabalho, para a participação de eventos, viagens de estudos, viagens de descanso, lazer ou

simplesmente viajar só por viajar. Também podemos fazer viagens sem a necessidade de nos fatigar, por exemplo através da internet, onde fazendo um simples clique no *Google Earth* (como o caso do TransRio), conseguimos chegar a qualquer lugar da terra e percorrer suas ruas. Inclusive podemos fazer viagens virtuais à Lua ou a outros planetas. Outro tipo de viagens são as mentais, pois através de nossos sonhos, voamos e percorremos espaços que muitas vezes ainda não conhecemos. As viagens podem também ser criadas por nossa imaginação em viagens astrais, pelas meditações ou induzidas por substâncias psicotrópicas.

Segundo Careri (2003, p,40), *viajar é a libertação de uma culpa, uma iniciação, um acréscimo cultural, uma experiência*. A partir da intenção subjetiva de autoconhecimento de um amante da viagem, como também o conhecimento das paisagens por meio de seu percurso e de sua experiência, ele possui a necessidade constante de mudar de lugar, de conhecer, de caminhar, de sentir adrenalina e de ter novas experiências. Assim o viajante nunca fica parado por muito tempo. Ele precisa se mover constantemente.

Por outro lado, Bhabha (1998, p, 29) fala da viagem como forma e desejo de reconhecimento:

Mais uma vez, é o desejo de reconhecimento, 'de outro lugar e de outra coisa', que leva a experiência da história além da hipótese instrumental. Mais uma vez, é o espaço da intervenção que emerge nos interstícios culturais que introduz a invenção criativa dentro da existência. E, uma última vez, há um retorno à encenação da identidade como interação, a recriação do eu no mundo da viagem, o reestabelecimento da comunidade fronteiriça da migração.

O viajante sai de sua cidade (lugar conhecido) para ir a outra cidade estrangeira (o desconhecido) fazendo de suas experiências narrativas subjetivas, reinterpretadas a partir das vivências adquiridas em sua vida. Viajar é uma experiência que pressupõe um tipo de exploração do desconhecido. Sobre as narrativas da viagem, o historiador inglês Peter Burke fala que "São documentos preciosos de encontros culturais, revelando ao mesmo tempo a percepção de distância cultural e a tentativa de se chegar a um acordo ou 'traduzi-la' em algo mais conhecido". Assim cada indivíduo tem uma reação ao mundo e o encontra de formas diferentes, é assim que se constroem estas narrativas de viagens. Cada experiência de viagem nos ajuda não só a conhecermos ao mundo, mas a um auto-reconhecimento. Como proposta de obra para incitar essa procura pelo desconhecido realizei o trabalho *Transporta*, no qual quis fazer uma espécie de convite para a viagem, tentando transportar o espectador de forma visual. Foi uma viagem imaginária que precisou da participação do público para ter sentido.

2.2. Transporta

Um viajante circunstancial

Todos os dias vendo a mesma coisa no mesmo lugar, percorro a cidade para chegar a um destino, destino que eu já fiz uma e outra vez, minha rotina, minha vida sempre no mesmo lugar. Trabalho, estudo e vivo em minha cidade desde que tenho lembrança, meus pais são também daqui e querem, pelo visto, morrer aqui. Uma inquietude me persegue perguntando: o que haverá depois daquela fronteira a qual nunca cruzei?

Sempre quis ser um viajante inveterado, ter dinheiro e sair em busca de novos horizontes, mas ainda tenho minha poupança fraca..., mas com uns anos de trabalho forte vou poder sair. Na verdade, eu gostaria de não precisar muito para sair, mas tenho um pouco de medo, medo de que? Pois..., da estrada, das pessoas, dos rios grandes, dos desertos (odiará morrer de sede), de me perder, ou tal vez de me encontrar?

Enfim, lembro de minha última viagem.

Andava caminhando pela mesma rua de todos os dias, sentia o cheiro da cidade abafada, o calor era insuportável, as pessoas iam com pressa (como eu) para chegar a algum lugar. De repente entro em uma porta onde me espera uma larga jornada de trabalho, mas tem algo no ambiente que não é normal, as luzes se mexem, mudam de cor, pouco a pouco me perco através da porta que me mostra o passo a outra dimensão, tenho medo; pois não é fácil atravessar o lugar. Sinto uma estranha sensação de debilidade, é um lugar que não consigo assimilar. Adentro dois passos e minha realidade some, não me sinto preparado para isto, mas parece que é um lugar prazeroso. Será que meu medo é gostar disso?

Me perco por uns segundos, vejo meu reflexo que me convida a continuar, quero estar ali, mas.... Não trouxe dinheiro, nem roupa, nem comida. E se é um lugar onde somem as pessoas? E se quando eu voltar já não tenho meu trabalho? E as contas? E meu cachorro? E meu chefe? E meu carro? E minha cidade? E meus pais? Se abre a porta e..... Me espera um largo dia para trabalhar.

Johanna Garavito

2.2.1 A Viagem *Transporta*

O amante das viagens carrega dentro de si uma necessidade, uma busca por não parar de viajar, pois logo que o fez pela primeira vez, desenvolveu uma espécie de “doença” particular que “o obriga” a sair de seu espaço convencional para imergir no desconhecido, como se fosse uma fobia à vida sedentária, uma dificuldade de ficar num só lugar, uma pressa em sair, uma força estranha que faz com que esse sujeito não seja mais um acomodado numa cidade acinzentada, mas sim um explorador nômade na busca pelo seu destino. Esta “doença” é tão forte que se converte em uma nova forma de viver.

Há pessoas que podem se considerar imunes a isto, as quais não desejam sair debaixo de seu teto, do seu lugar de conforto, pois é perigoso e é preciso coragem para viajar dessa forma. Quando percorremos espaços, nos sentimos vulneráveis ao mundo e o primeiro pensamento que temos ao sair de nossas casas é que "qualquer coisa pode acontecer". Porém, devemos sair preparados para tudo. Crescemos com inseguranças e medos que, além de nossos familiares, os meios de comunicação nos têm ensinado dia a dia com notícias que alimentam o medo. Jesús Martín Barbero assegura: (...) *fazem que a gente se sinta compelida a se resguardar no pequeno espaço privado e seguro, e a projetar sobre ele um imaginário de segurança e proteção*". Estas inseguranças nos impedem de sair e reconhecer o mundo. Viajar é

ver com um olhar diferente, é sentir a paisagem e ir além do que oferecem os pacotes de turismo, é conhecer não somente as partes romantizadas dos lugares, é percorrer e atravessar o território e, por fim, é ressignificá-lo através dos atos – artísticos, sociais ou políticos – que possamos desempenhar a partir de nossas vivências e habilidades pessoais.

A banda porto-riquenha Calle 13 fala da viagem como forma de vida, mostrando por meio da música um convite para os ouvintes que por diferentes razões ficam presos num lugar indesejado. (...) *Me escape de la rutina para pilotear mi viaje, porque el cubo en el que vivía se convirtió en paisaje(...)* Si quieres cambio verdadero, pues camina distinto(...)⁹.

O expedicionário, viajante e escritor brasileiro Amyr Klink (2000) fala em seu livro *Mar sem Fim*, composto de 16 capítulos, que o mais emocionante da viagem é o perigo e o sentimento de estar longe de seu lugar de conforto. Para o viajante, conhecer é mais importante que ficar, é sentir e ver por seus próprios olhos, é mais importante que aprender por meio de livros de aventura e/ou de filmes. O professor, o artista, e/ou o sujeito pesquisador deve experimentar, para logo poder ensinar e reproduzir seu conhecimento. Para que este seja atualizado a partir da experiência pessoal e não só da reprodução da experiência de terceiros.

⁹ Trechos da canção *La Vuelta al Mundo* do grupo musical Calle 13.

“Um homem precisa viajar. Por sua conta, não por meio de histórias, imagens, livros ou TV. Precisa viajar por si, com seus olhos e pés, para entender o que é seu. Para um dia plantar as suas árvores e dar-lhes valor. Conhecer o frio para desfrutar o calor. E o oposto. Sentir a distância e o desabrigo para estar bem sob o próprio teto. Um homem precisa viajar para lugares que não conhece para quebrar essa arrogância que nos faz ver o mundo como o imaginamos, e não simplesmente como é ou pode ser; que nos faz professores e doutores do que não vimos, quando deveríamos ser alunos, e simplesmente ir ver”.

Amyr Klink

Mas no contexto do trabalho *Transporta*, como eu poderia transpor uma experiência junto à natureza, a céu aberto, para o espaço exíguo e enclausurado de um elevador? O “ir ver” de que fala Klink, para mim se traduz no convite que se faz a partir desta proposta, pois por meio dela se busca uma motivação para sair do cotidiano. Esse lugar (no caso, em um elevador) que representa um lugar em concreto, pode ser qualquer lugar se trocamos seu significado e estamos dispostos a acreditá-lo, tornando-se um lugar onde podem ser esquecidas, por um momento, as cotidianidades da vida. Um elevador, por exemplo, é um lugar que está feito para cumprir uma função técnica de transportar ou de levar as pessoas de um andar a outro. Mas se mudamos as regras e falamos que o elevador é uma espécie de tele transportador que em lugar de levar as pessoas de um andar a outro, pode levá-las de um lugar a outro, ele terá sua função utilitária convertida em uma ferramenta de “transporte mental”. De Certeau (2000), fala das possibilidades do uso da língua e seus diferentes usos no cotidiano, que são governadas por regras pragmáticas, e que neste caso seriam as regras impostas para nomear as funções dos aparelhos

eletrônicos na vida contemporânea. Mas se nos dedicássemos a procurar novos significados e usos para tais aparelhos, surgiriam infinitas possibilidades; neste caso a possibilidade do elevador como porta e passagem a outro lugar. Este lugar pressupõe um espaço inventado nas margens do rio dos Sinos. Seria ali onde, depois daquele convite, o espectador poderia pensar na possibilidade de se transportar fisicamente àquele lugar, que existe na realidade, conhecê-lo por seus próprios olhos e “ir ver”.

2.2.2 Processo de criação *Transporta*¹⁰

Como forma de incitação a viajar, realizei uma intervenção no elevador direito do Instituto de Artes da UFRGS, convertendo-o em *passagem a um lugar* recriado por meio de um ambiente fluvial (fig. 7). Esta proposta consistiu em instalar de forma direta diferentes elementos como adesivos e luz convertendo este lugar cotidiano, em um lugar de descoberta. O nome da proposta se realizou utilizando o prefixo *Trans*, fazendo uma concatenação com a palavra *porta*, jogando com diferentes significados: através da porta, além da porta e transportar. A grafia na palavra *transporta* está correta, sendo que esta junção de palavras se refere também a um significado

¹⁰*Transporta* foi uma proposta realizada como trabalho final para a disciplina de *Seminário de Articulação Teórico Prático* ministrado pela Profa.Dra. Marilice Coroa. Do curso de mestrado em Poéticas Visuais.

coerente para a proposta que, segundo o dicionário de língua portuguesa, trata-se de “levar ou transladar uma pessoa ou uma coisa de um lugar a outro”. A grafia separada da palavra *trans-porta* refere-se também ao prefixo *trans*= “atravessar, através, além de”. E *porta* = “abertura com o lado vertical mais comprido e a base ao nível do chão ou de um pavimento, que serve de entrada ou saída de um recinto. Peça plana com que se fecha essa abertura, presa por um dos lados à moldura que a rodeia por dobradiças”.

Visualmente a proposta se compõe de 4 elementos que mudam o interior do elevador, remetendo ao lugar onde realizei a pesquisa, o rio dos Sinos. O primeiro elemento é um adesivo de vinil colado na parte superior do elevador, simulando as nuvens e parte de uma árvore do lugar. O segundo, como forma de intervenção sensitiva, foi instalada uma grama sintética¹¹ no piso do elevador, como um tapete. Como terceiro elemento foi colado no espelho um adesivo vinil transparente, com a impressão da fotografia de uma cachoeira que se encontra próxima à entrada da trilha da nascente do rio dos Sinos. Este adesivo é transparente para que a função do espelho do elevador não seja interrompida e também para buscar uma imersão na paisagem da pessoa que olha ali o seu reflexo. O quarto elemento da proposta é a lâmpada do

¹¹ Para a aprovação e realização da proposta foi preciso utilizar grama sintética no lugar da grama natural, pois a instalação iria ficar um mês no lugar e não poderia ser feita uma manutenção da grama sem interditar o elevador. Além da sua praticidade na hora da montagem e a sua remoção.

lugar, a qual foi substituída uma luz branca por uma de luz verde, proporcionando a sensação de que o elevador era um lugar diferente. Ali estes elementos se misturavam para criar a intervenção no elevador intitulada *Transporta*.

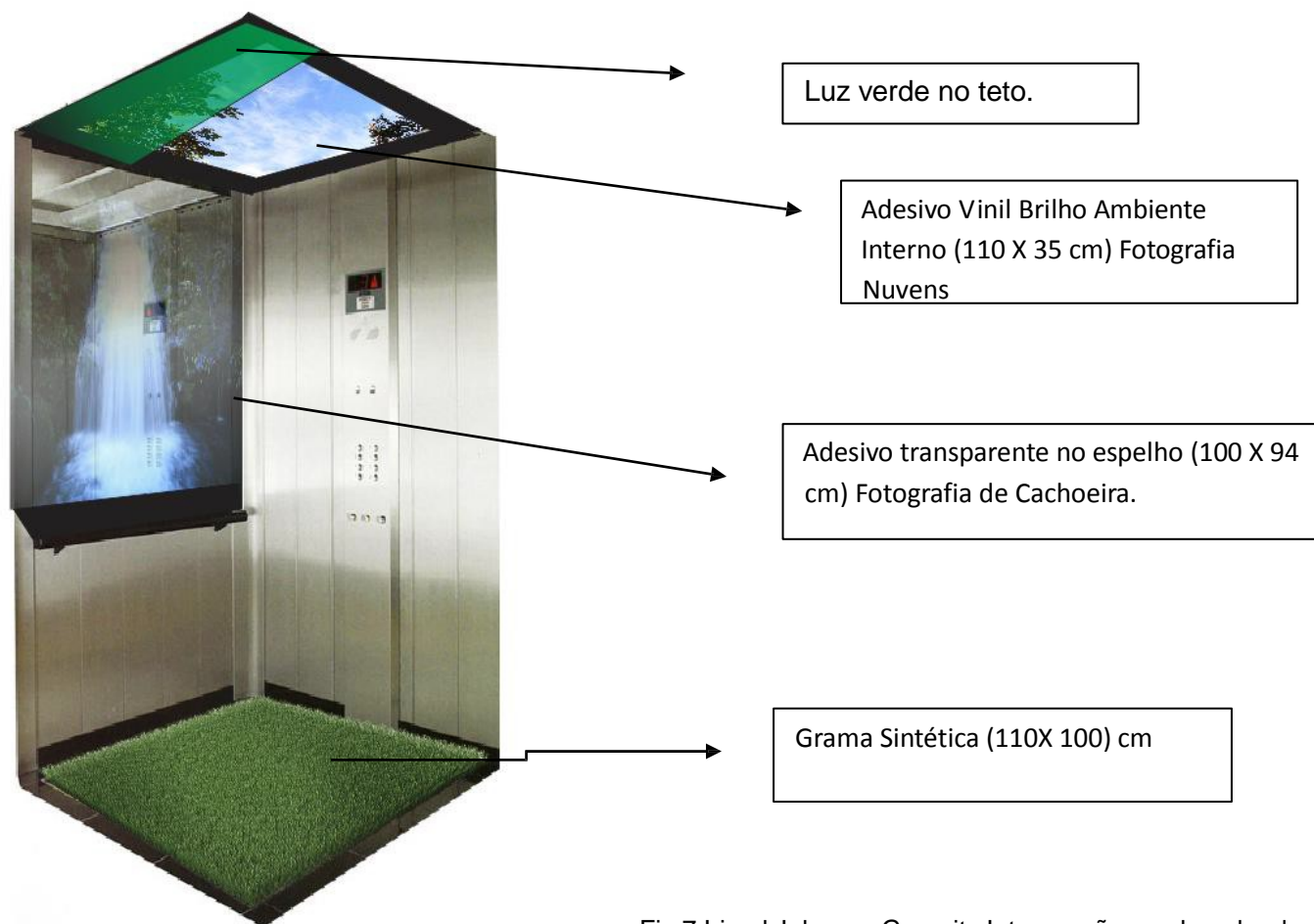


Fig 7 Irised Johanna Garavito Intervenção no elevador do Instituto de Artes UFRGS



Fig 8 Irised Johanna Garavito. Intervenção no elevador do Instituto de Artes UFRGS

2.3. Histórias De Viagem

A facilidade que hoje nos proporcionam os meios de transporte, de comunicação e as oportunidades de crédito, permitindo que na atualidade a condição para ser um viajante já não seja mais elitista. A descoberta de novos espaços e seu conhecimento são vivenciados a partir de experiências individuais e de forma instantânea. No entanto, na antiguidade, apesar de não haver esses recursos, muitos viajantes, expedicionários, científicos e artistas se dispunham a registrar as descobertas de novas geografias e territórios por meio de relatos e imagens.

Narrações como as da Bíblia falam da viagem como parte fundamental dos relatos; por exemplo, nas viagens dos povos liderados por Moisés para chegar à terra prometida, a qual durou cerca de 40 anos. Nesta narração, estes povos percorreram muitos quilômetros para chegar àquele lugar que fora prometido por Deus. Este povo convencido por suas crenças levava consigo crianças, animais e suas tendas de campanha com diferentes artigos, para garantir sua sobrevivência.

Nos relatos da mitologia grega, como *as viagens dos argonautas*, se narram histórias de heróis que navegaram procurando o *Velocino de ouro*. Já na *Odisseia de Homero*, Ulisses navega durante um longo tempo passando por diversas aventuras até voltar à casa, onde encontra sua esposa Penélope.

Outro grande viajante foi o geógrafo árabe Abu Ibn Battuta, quem realizou uma

viagem exploratória de 30 anos percorrendo mais de 120 mil quilômetros no território muçulmano, africano e asiático. Marco Polo por sua vez, foi um viajante veneziano que relatava suas viagens feitas à Europa Medieval, à Ásia Central e à China, a partir de seu trabalho, que era a comercialização de suas mercancias. Enfim, são inúmeras narrativas que nos falam da viagem a partir de diferentes pontos de vista, profissões ou intenções.

2.3.1. Alguns viajantes da história: expedições a novas terras

Desde o século XVII a prática da viagem era considerada um complemento na educação dos jovens europeus. Fazer desenhos, mapas e impressões em aquarelas lhes proporcionava habilidades especiais na prática manual e na forma de olhar o mundo. As primeiras de suas viagens se levavam a cabo no continente Europeu e logo, em um nível que pode ser chamado de especialização, eles viajavam ao continente americano na procura pelo novo e inovador, fazendo de sua viagem um relato que seria publicado e exposto em seus países de origem como incentivo para novos viajantes e também como manual de viagens para visitantes. Também podiam por meio de seus desenhos destacar alguns lugares que, assim como os mapas atuais, só eram indicados os pontos que subjetivamente eram ditos como belos e interessantes. Isso fazia destes lugares ícones do turismo, muitos que são até hoje reconhecidos como tal.

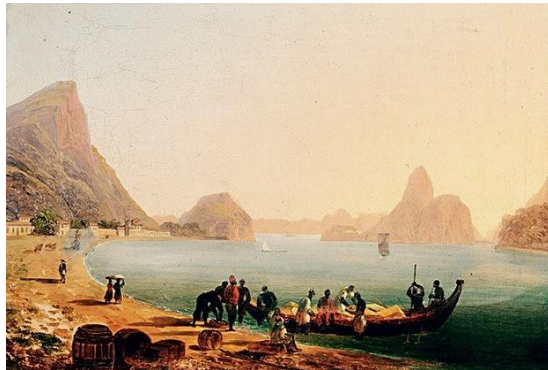


Fig 9: Thomas Ender, Vista da Enseada de Botafogo 1817 Pintura ao Óleo sobre madeira.

Para Humboldt discípulo da escola classicista, era indispensável para o artista praticar seus estúdios em paisagens do mundo tropical, pois ali era onde poderia encontrar um equilíbrio entre o conhecimento adquirido nas viagens, a natureza e sua técnica artística¹². A realização do esboço era importante pois no caminho o artista viajante não conseguia finalizar sua pintura, então os resultados do trabalho só seriam expostos um tempo depois e a ideia era não perder a fidelidade do objeto.

As viagens de alguns exploradores dos séculos XVIII e XIX se caracterizaram pela necessidade e quase obsessão em procurar respostas no âmbito geográfico e cultural. Nestas, os níveis de interpretação artística e compreensão da paisagem tinham que ser avaliadas por todos os participantes da viagem, pois no caso de não se apresentar um resultado favorável e as exigências científicas de precisão impostas para a elaboração das pinturas, a exploração devia se repetir ou em muitos casos deveria ser cancelada.

O artista, geólogo e arquiteto Jean Hoüel (1782) em seu livro *Voyage Pittoresque des isles de Sicile, de Malte et de Lipari*, que foi criado a partir de uma viagem exploratória em 1776 à Itália, com a missão de percorrer a Sicília e criar um catálogo de imagens *Voyage Pittoresque*, falava da importância de permanecer no lugar visitado para conhecer integralmente a região, para não ter apenas uma impressão de *en*



Fig 10 Jean Hoüel. Plancha n° 86
Voyage Pittoresque des isles de Sicile,
de Malte et de Lipari. 1982

¹² Rojas Mix, Miguel. Artigo.



Fig 11 Jean Hoüel. Plancha n° 87
Voyage Pittoresque des isles de Sicile,
de Malte et de Lipari. 1982

*passant*¹³, pois a visão do viajante devia ser objetiva, estabelecendo-se algum tempo no lugar, visitando sítios que deveriam ser pintados não apenas uma vez, para assim visualizar as mudanças naquela paisagem e poder representá-la com mais veracidade. Além de aperfeiçoar suas pinturas levando-as à gravura em águas-tintas de cor sépia, Hoüel narrava por meio destas a temporalidade da exploração, mostrando assim uma sequência nos acontecimentos.

Por outro lado, a também artista viajante Martha Graham (1822-1823) nos mostra em seus diários a sequencialidade de suas viagens por meio das narrações detalhadas de todos os acontecimentos vividos em companhia de outros expedicionários. Expressou com subjetividade os fatos que transcorriam no dia a dia como também os dados da expedição. Já em seus catálogos, nos apresenta uma perfeição nos desenhos, identificando sempre na viagem essa necessidade de permanência temporária no lugar. Em suas obras esteve sempre atenta à variedade tropical e às variações da paisagem, dando ênfase à botânica, às relações sociais e às problemáticas próprias dos países que percorria.

No campo da botânica, há outro viajante reconhecido por seu trabalho em meu país, que naquele tempo ainda se chamava *Reino de Nueva Granada*, regido pela colônia espanhola. Foi o botânico, médico e matemático Jose Celestino Mutis, que em 1783

¹³ KELLER, Susanne B. Porto Arte vol. 15 n° 25 Pág 23.

realizou *La Real Expedición Botânica del Nuevo Reino de Granada*, a qual é uma das mais importantes e representativas do século XVIII e um referente mundial na ilustração científica¹⁴. Esta se centrou em Santafé, abarcou cerca de 8000 km² do atual território da República Colombiana e levou 34 anos para ser concluída. Como resultado, obteve a classificação de 20 mil espécies vegetais e sete mil animais daquele território. Junto a Mutis a comitiva da expedição era acompanhada de naturalistas, científicos e artistas que se encarregavam de desenhar as espécies para logo classificá-las segundo suas características físicas. Para a realização dos desenhos, Mutis contava com um atelier de artistas quase em sua totalidade nascidos no continente americano, instalados em um lugar permanente onde desenhavam com o “estilo Mutis”¹⁵, pois Mutis era o diretor da expedição e supervisionava a qualidade dos trabalhos. Entre os artistas, estão Pablo Antonio García, Francisco Javier Matís, Salvador Rizo, Antonio, Nicolás y Javier Cortés y Alcocer, Vicente Sánchez, José Manuel Martínez, entre outros¹⁶.

Katherine Manthorne (2008) faz um artigo titulado *Comisión Corográfica da Colômbia: um mapa entendido do corpo político*¹⁷, no qual se analisa a obra artística

¹⁴ AMAYA, José Antonio 1983.

¹⁵ O “estilo Mutis” se caracterizava por um cuidado na composição artística e na beleza para dar assim uma fidelidade ao objeto. Os desenhos tinham um eixo central de simetria e eram acompanhados de uma técnica refinada no uso cromático de vermelhos e verdes.

¹⁶ GONZÁLEZ BUENO, A. Monografías de la Real Academia de Farmacia, 26, Madrid, pp. 211-238

¹⁷ MANTHORNE Katherine. Porto Arte vol. 15 n°25, Pág 7.

produzida pela Comissão Cartográfica que visitou a Colômbia na década de 1850. Disposta pelo governo, esta elaborou um catálogo visual que mostrava de maneira descritiva as regiões e povos do território, isto com o fim de definir uma identidade colombiana. Esta expedição foi liderada pelo geógrafo Agustín Codazzi junto com naturalistas, escritores e três artistas: Manuel Maria Paz, Enrique Prince e Carmelo Fernandez e levaram 10 anos em concluir a exploração. Neste Catálogo se destacavam as diferenças socioeconômicas das regiões e a diversidade geográfica do país a partir das paisagens desenhadas pelos artistas, criando um álbum com 152 aquarelas, as quais são parte importante da tipologia pictórica das pessoas e do meio ambiente. O interessante neste tipo de pesquisas realizadas a partir de expedições é que se convertiam em explorações, que exigiam uma pesquisa *in loco* para conhecer a fundo, tanto as condições geográficas como culturais dos lugares. Estas permitiam que apesar das condições dos viajantes, dos seus preconceitos e de costumes diferentes, se misturavam com o ambiente para criar assim informações certas. Muitos dos artistas viajantes estrangeiros dessa época tinham convenções já estabelecidas no velho mundo, as quais usavam em seus escritos e pinturas para mostrar e comparar o novo mundo com seus lugares de origem.

O missionário e viajante francês Jean De Léry (1610), escreveu no século XVI o livro *Viagem à Terra do Brasil*. Na ocasião, De Léry viajou com uma comitiva francesa ao

Brasil para documentar o que acontecia naquele lugar. Eles tinham a missão de levar o Evangelho aos “selvagens habitantes do Brasil¹⁸”. Nesta narração o autor faz uma descrição detalhada da vida dos nativos, seus costumes, e tradições. Uma narração bastante conveniente para descrever a visão do viajante estrangeiro em terras alheias neste tempo. No capítulo VIII¹⁹ (1961 p.91), intitulado *Índole, Força, Estatura, Nudez, Disposição E Ornatos Dos Homens E Mulheres Brasileiros, Habitantes Da América, Entre Os Quais Permaneci Quase Um Ano*, por exemplo, é feita uma narração da forma de vida dos habitantes brasileiros e suas diferenças bem marcadas em comparação aos europeus:

Direi, inicialmente, a fim de proceder com ordem, que os selvagens do Brasil, habitantes da América, chamados Tupinambás, entre os quais residi durante quase um ano e com os quais tratei familiarmente, não são maiores nem mais gordos do que os europeus; são, porém mais fortes, mais robustos, mais entroncados, mais bem-dispostos e menos sujeitos a moléstias, havendo entre eles muito poucos coxos, disformes, aleijados ou doentios. (1961, p 91)

Além de fazer uma diferenciação entre uns e outros, devido à sua posição de “superioridade” frente aos nativos, o autor enfatiza as coisas particulares que pôde ver a partir do território, onde esteve por um ano. Ali por meio dessa pesquisa de ação participativa²⁰ o viajante estrangeiro se converteu em um ator participante do lugar fazendo de seu relato um meio de comunicação mais confiável, rompendo com

¹⁸ Termo que utiliza De Lèvy para se referir aos indígenas Tupinambàs em seu livro *viagem à terra do Brasil*.

²⁰ Termo atribuído ao professor pesquisador Paulo Freire.

alguns dos preconceitos adquiridos sobre o Brasil ainda em seu país de origem.

A visão do viajante estrangeiro é sumamente subjetiva e depende muito das condições da viagem. Quando o sujeito observa uma paisagem, tendo ou não uma carga prévia de informação sobre o lugar, este será para ele algo novo e extraordinário. Já para alguns habitantes nativos, seus lugares podem ser "apenas lugares". A pesquisadora Ana Maria Belluzzo (2008) escreveu um artigo intitulado *O viajante e a paisagem Brasileira* no qual analisa o conceito de paisagem na obra de artistas viajantes que visitaram o Brasil. Ela cita as palavras do poeta português Fernando Pessoa que diz "o rio de minha aldeia não me faz pensar em nada..."²¹. Em seguida chama a atenção para o papel constitutivo que faz a distância na percepção do viajante, e seus dois aspectos de estranhamento do mesmo:

Primeiro - sua distância frente ao que ele presencia como extraordinário em um lugar estrangeiro. Segundo - a distância propiciada pela viagem com relação ao que ele experimentava em seu lugar de origem, que o leva a rever aspectos de sua vida ordinária, colocados sob nova chave. Em outras palavras, diria que o deslocamento do viajante estrangeiro é um percurso de dupla mão.

Assim, o viajante aprende a partir das experiências vividas e as ressignifica de diferentes maneiras. Em meu caso pessoal, a ressignificação da experiência de viagem se faz a partir da arte, por meio da fotografia e das possibilidades criativas que me incita o percurso.

²¹ Revista *Porto Arte* n°25, pág. 42.

Já no século XX, no ano de 1930, o Padre Balduino Rambo, religioso, etnógrafo, naturalista, geógrafo e expedicionário, publicou o livro *A fisionomia do Rio Grande do Sul*, que é resultado de uma viagem pelo estado do Rio Grande do Sul, Brasil, onde realizou uma extensa pesquisa sobre as formas e paisagens da região. Neste trabalho, o autor faz uma descrição detalhada da geografia do estado a partir de fotos aéreas. Também se empenha como o pioneiro em descrever a botânica no extremo sul do Rio Grande do Sul, na região do Bioma Pampa. Rambo aporta por meio de suas pesquisas referências pertinentes na temática da paisagem e da ecologia regional.

Outra história importante, sob uma visão pessoal, são as viagens do revolucionário argentino Ernesto Guevara de la Serna, ou simplesmente “Che Guevara” que, em sua juventude, saía de Buenos Aires para viajar curtas distâncias de carona, de bicicleta ou de moto. Sempre viajava com pouco dinheiro, mas cada vez chegava mais longe. Em 1952 realizou junto a um amigo uma grande viagem pela América do Sul que durou sete meses. Inicialmente viajavam de moto e, depois, seguiram sua viagem a pé, de carona, de barco, de balsa, de ônibus, de hidroavião e de avião. Sua rota foi de Buenos Aires, na Argentina até Caracas, na Venezuela, voltando em seguida à sua cidade natal. Esta viagem proporcionou a eles o contato direto com os lugares e com a população dos setores mais explorados e desassistidos da América do Sul. A partir

desta viagem, Guevara começou a questionar as desigualdades sociais e a procurar uma forma de mudar essas realidades. Este viajante revolucionário é sem dúvida um dos mais reconhecidos e seguidos personagens na atualidade por jovens que procuram explorar o mundo através da viagem.

No campo da literatura a viagem também é entendida e narrada por diferentes autores. Júlio Verne é um conhecido escritor que faz da viagem uma constante em suas histórias. A aventura, a ficção científica e a incrível capacidade de transportar o leitor ao mundo desconhecido fazem dele um dos grandes inspiradores de viajantes para conhecerem o planeta. No livro *Vinte Mil Léguas Submarinas* a aventura se situa nas profundezas do mar, procurando com o protagonista Capitão Nemo, as infinitudes do mundo submarino e suas estranhas criaturas. Em outro de seus livros *A Volta ao Mundo em 80 Dias* pode-se perceber que o autor não somente tem uma notável admiração pela viagem, mas também uma incansável busca pela aventura. Nesta história, o protagonista Phileas Fogg faz uma aposta com seus amigos arriscando a metade de sua fortuna. Esta aposta consistia em que ele conseguiria dar a volta na Terra em apenas 80 dias, através dos meios de transporte que existiam naquele tempo (trem, barco, e inclusive num elefante).

Don Herold²², em seu poema *Instantes*, faz um convite ao leitor para viver a vida fixando a atenção na essência das coisas e não em seus problemas.

INSTANTES

“Se eu pudesse novamente viver a minha vida, na próxima trataria de cometer mais erros.

Não tentaria ser tão perfeito, relaxaria mais, seria mais tolo do que tenho sido.

Na verdade, bem poucas coisas levaria a sério. Seria menos higiênico.

Correria mais riscos, viajaria mais, contemplaria mais entardeceres, subiria mais montanhas, nadaria mais rios.

Iria a mais lugares onde nunca fui, tomaria mais sorvetes e menos lentilha, teria mais problemas reais e menos problemas imaginários.

Eu fui uma dessas pessoas que viveu sensata e profundamente cada minuto de sua vida; Claro que tive momentos de alegria.

Mas se eu pudesse voltar a viver trataria somente de ter bons momentos.

Porque se não sabem, disso é feita a vida, só de momentos; não percam o agora. Eu era um daqueles que nunca ia a parte alguma sem um termômetro, uma bolsa de água quente, um guarda-chuva e um paraquedas e se voltasse a viver, viajaria mais leve.

Se eu pudesse voltar a viver, começaria a andar descalço no começo da primavera e continuaria assim até o fim do outono.

Daria mais voltas na minha rua, contemplaria mais amanheceres e brincaria com mais crianças, se tivesse outra vez uma vida pela frente.

Mas, já viram, tenho 85 anos e estou morrendo”

Este autor mostra, neste caso, que a vida pode ser desfrutada sem complicações e sem as exigências impostas pela sociedade em que vivemos. Igualmente, o viajante

²² Humorista, escritor, ilustrador e cartunista norte americano que escreveu e ilustrou muitos livros e contribuiu na realização de diferentes revistas de seu país. A versão original do poema está escrito em prosa. A versão em português está escrita em verso.

percorre seus caminhos sem muito peso em suas costas, carregando somente o suficiente para tornar ainda mais prazerosa sua viagem.

2.3.2 A viagem através da obra de alguns Artistas contemporâneos

Nesta parte do capítulo serão brevemente apresentados alguns artistas contemporâneos que, devido ao seu conteúdo em torno do conceito de viagem e aos trabalhos que vêm sendo feitos com diferentes técnicas e formas de arte, são de grande interesse nesta pesquisa.

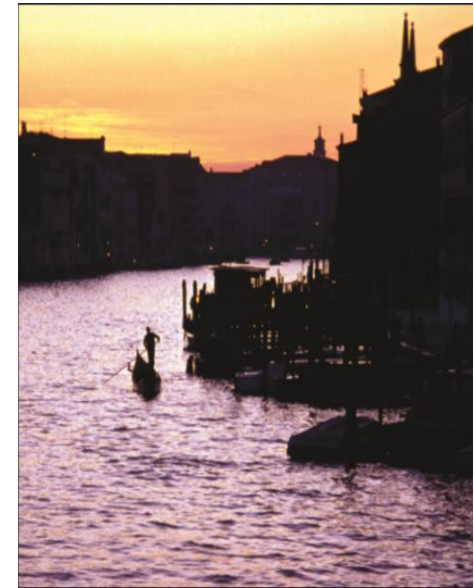


Fig 12 Gilberto Saldarriaga Roa. *Bus, Haiti*. Pag. 15; *Nazca Perú*. Pag 17. *Gran Canal Valencia* Pag 29. *El viaje: el mundo como lugar*. Fotografia.

Primeiramente, está o arquiteto e pesquisador Gilberto Saldarriaga Roa, diretor da Faculdade de Ciências Humanas, Artes e Desenho da Universidade Jorge Tadeo Lozano, em Bogotá, Colômbia. Saldarriaga escreveu o livro *El viaje: El mundo como lugar*, o qual faz parte de uma trilogia sobre a temática do lugar. Neste livro, o autor faz um percurso por algumas experiências que conduzem à viagem e, por meio da fotografia, mostra diferentes lugares que para ele são relevantes na ideia de incentivar pessoas comuns a esta prática. *La fotografía, el tema central de este libro, convierte al viajero en testigo de su propia experiencia y en transmisor de la misma a los demás.* SALDARRIAGA (2011 Pág. 11). O livro se compõe de oito capítulos que, segundo o autor, dá para ler sem nenhuma ordem específica, pois cada um é independente.

Por esta forma do livro já é possível se ter uma ideia do conteúdo, pois a sua “embalagem” representa uma mala de viagem – a qual foi inspiradora para esta dissertação. A posição das imagens junto com o texto dá uma sensação de vontade em lê-lo, seguindo uma ordem de pequenos relatos que falam da viagem na história e na atualidade, diferenciando o papel do turista do papel do viajante, sem colocar nenhum dos dois em uma posição superior ou inferior ao outro. No livro o autor incita a viagem através de imagens que propõem um percurso. Este tipo de livro permite que a mente do leitor se transporte a lugares não conhecidos, mas que podem remeter nele experiências e lembranças de outros que sim, já foram visitados.

El mundo como lugar no es únicamente aquel que se recorre en los viajes. Es la imagen del mundo que todos tenemos, mucho más amplia que aquella que se alcanza recorriendo el planeta. En ella se incorporan las imágenes, información y conocimientos que cada persona acumula en su mente. Cada viaje consiste únicamente en visitar un lugar en esa mente.²³

Saldarriaga é uma referência neste trabalho, pois fala da incitação à viagem e dela como experiência, o que é o tema central nesta pesquisa. Além disso, é referência também na criação artística ao fazer uso da fotografia como meio de apresentação.

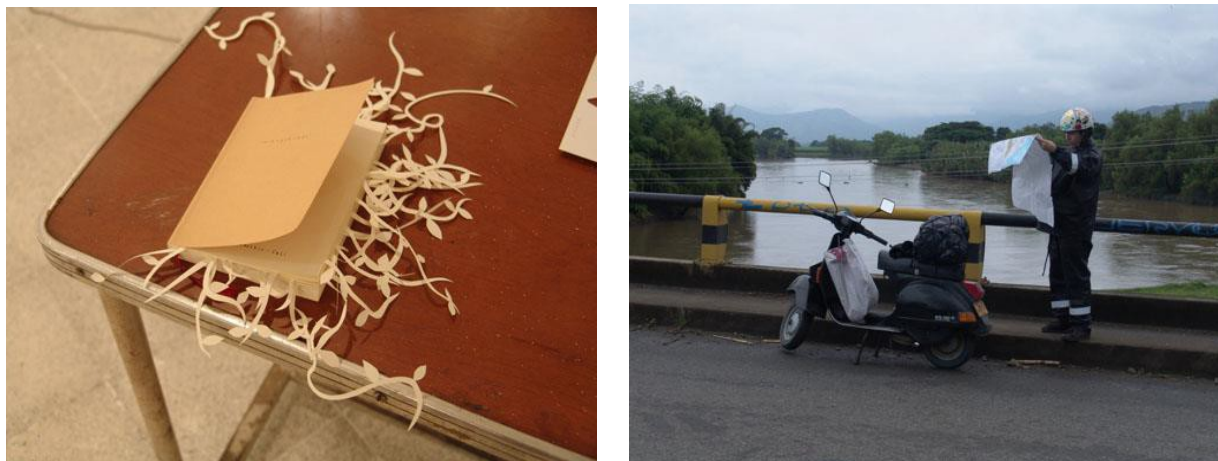


Fig 13 Diário de Motocicleta, 2007, *Detalhe da exposição, Margem do Rio Cauca*, Museo de Arte Moderno de Medellín. Medellín, Colômbia

Outro artista que fala da viagem, mas de uma posição diferente, é Mateo Lopez artista da cidade de Bogotá, Colômbia. Realizando percursos em diferentes lugares

²³ SالدARRIAGA ROA, Gilberto. Parte do epílogo do livro EL VIAJE.

do mundo, cria uma linguagem visual simples, porém carregada de informações, onde o efêmero e o despercebido são fatores importantes na realização de seu trabalho visual. Uma das obras que apresenta a viagem como ponto importante em sua produção é o trabalho *Diário de motocicleta 2007*. Para a realização desta obra, o artista percorreu cerca de 2.100 quilômetros em sua motocicleta num circuito que começou em Bogotá, na Colômbia, seguindo em direção ao oeste do país até a cidade de Cali, depois se dirigiu ao norte até o porto de Buenaventura, em seguida a Medellín e dali voltou até seu ponto de partida. Nesta viagem Lopez avistou diferentes paisagens do país, desde os rios até o mar, parando em qualquer lugar que chamava sua atenção, fotografando, desenhado e escrevendo no seu diário de viagem. De certa forma, o artista faz um reconhecimento do território repetindo a prática dos exploradores do século XVIII, coletando dados para pesquisa e registrando o que encontra pelo caminho.



Fig 14 *Mateo Lopez*. Topografia Anecdótica, 2007. Vista da exposição Galeria Casas Riegner, Bogotá

A pesquisa *In loco* é também parte do método desta pesquisa de dissertação: esse “ir ver” de que falava Klink, o ato de sentir e chegar onde a natureza nos permita, sem levar de lá nada mais que os registros feitos. Além disso, levar informação, escrever experiências, conhecer diferentes caminhos e realizar percursos através de qualquer meio de transporte motivam para a criação, pois as ideias se materializam na mente a partir do que se vê, das experimentações e das sensações que nos deixa o caminho.

Seguindo no processo de pesquisa de Mateo Lopes, realizou em 2008 o trabalho *Topografía Anecdótica*, que surgiu também a partir da sua viagem em motocicleta. Para este trabalho o autor recolheu objetos no caminho para narrar sua experiência. Além disso, representa de forma visual em seu atelier desenhos da paisagem que havia elaborado no seu diário, representando-os com extrema precisão, de forma tridimensional, a partir de papelões e recortes. Lopez além de artista visual é arquiteto. Isso permite que ele tenha uma melhor noção plástica na representação de objetos elaborados a partir de suas fotografias. Ali, por meio destes recursos acadêmicos e junto com sua necessidade de viajar, este artista realiza uma poética bem elaborada que fala um pouco de representação e outro pouco de taxonomia, determinando assim seu território poético.

O trabalho do artista brasileiro Paulo Nazareth é também de interesse nesta pesquisa, devido à forma em que o artista conhece múltiplos lugares e pessoas, também por meio da viagem. Em sua obra é evidente a relação que existe entre as pessoas, seu contexto e a paisagem. Sua temática principal é uma crítica constante às desigualdades sociais e econômicas das populações. Por meio de uma visão ética em si mesmo e fazendo suas manifestações artísticas, ele parte de uma prática interdisciplinar e participativa, criando performances às vezes irônicas e sarcásticas que buscam levar o espectador à reflexão. Sua visão de mundo se baseia na atuação artística como prática cultural e relacional. Paulo Nazareth trabalha com a

Performance como forma de expressão. Em seus trabalhos um tema recorrente é a viagem a partir de sua caminhada. Assim ele se desloca e conhece a realidade de um lugar, interage com o ambiente e com a sociedade, encontrando suas semelhanças e diferenças com pessoas do mundo. “Notícias de América” é um de seus trabalhos, resultado da caminhada feita da cidade de Santa Luzia, na região metropolitana de Belo Horizonte - MG, até Nova York, nos Estados Unidos. Nesta obra, sua preocupação principal é a teia de relações pessoais, sociais e laços afetivos existentes em cada lugar que visita. Ele utiliza o vídeo para fazer *performances* documentadas, esculturas sociais, retratos e desenhos. Mais adiante voltarei com a análise deste trabalho.

Paulo Nazareth evita definições de sua arte, mas suspeita que o essencial seja “ações transformadoras”. Ele faz uma mescla de linguagem pop, conceitual e contemporânea. Quando convidado a falar sobre seus trabalhos, ele diz²⁴:

“É um pouco performance. Prefiro chamar de arte relacional, arte de conduta. É a minha maneira de me conduzir no mundo. Vou sendo todo dia transformado pelas situações, pelos ecos do que vai ocorrendo ao meu redor. Não se trata de relações apenas intelectuais, presencio relações fortes, emocionantes com a vida. Conheci um artista que não tinha malas e disse, por isso, não viajo. Vendo que viajei com um embornal, de saco de linhagem, ficou surpreso. E chegou à conclusão de que podia fazer o mesmo. É tudo muito

²⁴ Entrevista feita por Walter Sebastião, do Estado de Minas em dez/2011. Disponível em: http://www.catalogodasartes.com.br/Detailhar_Biografia_Artista.asp?idArtistaBiografia=9708

forte, cheio de emoções. Há coisas que são para mim como um soco, que faz girar minha cabeça, exatamente como se faz com o pescoço do frango para matá-lo.”

“Arte de Conduta – como ele define seu trabalho – é uma forma de estar presente na vida, questionar o cotidiano e, ao mesmo tempo, apreciá-lo”.

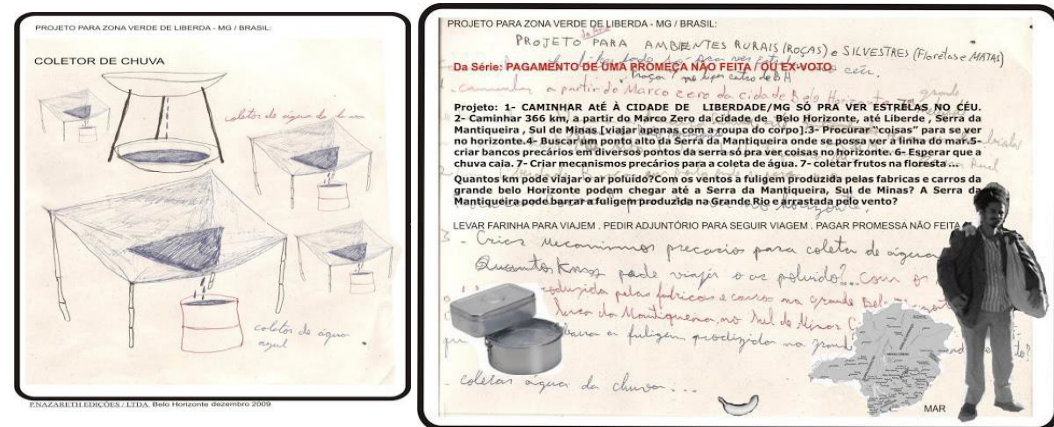


Fig 15 Paulo Nazareth. *Projeto para zona verde de Liberda. MG Brasil.* Desenhos 2009.

Na obra *Projeto de zona verde de Liberda- MG- BRASIL*, Paulo Nazareth criou um objeto para suprir a falta de água em algumas regiões do Brasil. Isto aconteceu como resultado de uma caminhada onde sua necessidade de sobreviver o obriga a fazer um instrumento para obter água: um coletor de chuva. Por meio de esboços faz o rudimentar aparato – que segundo ele, qualquer pessoa pode fazer – com elementos que se encontram em todo lugar. Nesta obra, ele identifica problemas reais e trata por meio de propostas imaginativas de criar uma solução a tais problemáticas, fazendo

de sua arte uma *arte de conduta*, onde se identifica a sociedade, seus arredores e sua forma de reagir com esta. Esta caminhada de 366 quilômetros foi realizada no sul de Minas Gerais, desde o marco zero da cidade de Belo Horizonte, até “Liberde”, na Serra da Mantiqueira como um exercício de procura a partir do olhar e da viagem.

Na atualidade, artistas como Nazareth têm desafiado parâmetros preestabelecidos da arte com seus modos de intervenção e na criação de obras cada vez mais direcionadas à experiência e ao relacionamento com “o outro”, além da necessidade de mostrar, também por meio da arte, as problemáticas e mudanças de ordem climática, política e social que nos afetam, chamando de arte contemporânea tudo aquilo que se distancia das práticas convencionais da arte. Na arte contemporânea, para analisar uma obra se faz necessário conhecer o contexto no qual foi criada, seja ele social, econômico, histórico e/ou político. Por meio disto, se determina o que o artista queria representar a partir de seu olhar e de sua sociedade. Para Mirian Martins:

“(…) cada artista e sua obra são, portanto, modelos de linguagem revelando experiências em todas as direções. O artista a faz, de fato, porque é sensível aos signos da arte, Por isso escolhe dizer, trazer, fazer visíveis suas reações às coisas do mundo, no contexto do seu tempo e lugar por meio da criação artística.” (1998, p 46)

Nicolas Bourriaud (2008), crítico e teórico francês, procura entender a arte contemporânea por meio da análise de suas relações com a sociedade, com a história, e com a cultura. A partir disto ele cria sua teoria sobre a *estética relacional*

“que consiste em julgar as obras de arte em função das relações inter-humanas que elas figuram, produzem ou criam” (2008, p. 142). “Uma arte que tomaria como horizonte teórico a esfera das interações humanas e seu contexto social, mais que a afirmação de um espaço simbólico autônomo e privado” (2008, p. 13). Para o autor, inicialmente o pesquisador ou crítico de arte deve reconstruir as problemáticas que compõem a realidade de certa época para depois poder examinar o que ali acontece. No meio das artes, a tarefa é examinar e interrogar a obra por meio de seu contexto e de suas mudanças. “Toda obra de arte produz um modelo de socialidade, que transpõe o real ou poderia se traduzir no real” (2009, p. 149).

Voltando à obra *Notícias de América*, Paulo Nazareth tinha uma forma de experimentar o ambiente e conhecê-lo naquela viagem feita a pé e de carona, onde colecionava o que encontrava no caminho. São rótulos de garrafas d’água, tampinhas, sabonetes de hotéis, bem como cartazes e fotografias que o identificam. Uma de suas metas era usar chinelos durante todo o percurso, para levar um pouco de poeira latino-americana até os Estados Unidos. Cumprindo esta meta, ele lavou seus pés nas águas do rio Hudson, depois de uma viagem de seis meses e 15 dias.

Como método em suas viagens, Nazareth confia no imediatismo da vida para, por meio de sua impressão dos lugares, poder fazer um trabalho com gestos simples, evocando memórias pessoais, históricas e observando as diferenças culturais,

sociais, políticas e econômicas presentes nas Américas.

Proyecto: noticias de América [America news] residencia en transito + *residency by accident* = atraviesar America Latina antes de llegar a los EUA: que todo el polvo del camino se quede en mis pies + viver en brooklin y saber lo que se pasa ahi _ *go to Brooklin, NY /USA living there and know what happane there , but before walk by Latin America: that every Latina America land to be in my foot.*

O texto anterior aparece em seu blog na internet²⁵, onde expõe também sua preocupação com a diversidade de línguas, escrevendo em português, espanhol e inglês, para que habitantes de todos os países americanos possam acessar seu trabalho. Em um de seus projetos, intitulado *Cara de Índio* (Fig 15), a ideia é identificar traços físicos semelhantes entre as feições de diversas pessoas que vivem nas Américas.



Fig 16 Paulo Nazareth. *Projeto Cara de Índio*. Governador Valadares 2011.

Nesta série de fotografias se observa a procura de sua identidade. Sendo descendente de índios, negros e europeus, quer ver as características da cor da sua pele comparada a outros, com a ideia de que todos somos irmãos. O autor explica que “Quería investigar essa relação da minha cara e a cara do outro. O que eu levo em meu rosto que tem o rosto do outro. O quanto eu sou indígena em relação ao outro (...) é uma mestiçagem que não é só de corpo, mas também da língua, da

²⁵ <http://www.latinamericanotice.blogspot.com.br/>



Fig 17 Andre Vicente Gonçalves. Serie Windows of the world- Venecia Italia. Fotografia. / Serie Doors of the world- Europa, Espanha. Fotografia.

religião. Dessas coisas que se contaminam, se mesclam, se misturam”²⁶.

Outro artista relevante nesta pesquisa por seu processo artístico é o fotógrafo português André Vicente Gonçalves, que desenvolveu sua pesquisa na fotografia de paisagens abertas, com muita natureza, desenvolvendo imagens de longa exposição. Mais adiante, começou a fechar os planos, procurando maiores detalhes, chegando assim à fotografia urbana. Em séries como *Windows of the World* e *Doors of the World*, o autor mostra detalhes arquitetônicos de diferentes janelas e portas registradas em suas viagens ao redor do mundo. “Como a estrutura das casas, as janelas mudam de região para região, uma enorme evolução em relação às suas primeiras versões: buracos simples nas paredes”, conta o artista. Para a realização das séries o fotógrafo viajou primeiro pela região onde vive e logo depois foi colecionando imagens de janelas de outras cidades para fazer suas colagens. Dá a impressão que ele escolhe detalhes como a luz e a cor em suas montagens.

Nestas séries o artista se encarrega de levar imagens dos lugares que visita, com ênfase num só objeto, procurando a beleza de portas e janelas. O artista mostra seu interesse nestes objetos caraterísticos e fundamentais da arquitetura, na maneira em que podem chegar a expressar as formas de vida de seus habitantes, o sentido humano de segurança. Com as fotografias o autor mistura regiões e lugares numa só

²⁶Entrevista que realizou na revista CULT, chamada A pé até Nova York.
<http://revistacult.uol.com.br/home/2012/12/a-pe-ate-nova-york/>

imagem fazendo uso da técnica *collage*. O resultado mostra as tendências e estilos dos lugares, a diversidade e contrastes arquitetônicos feitos a partir da visão subjetiva que quem as habita.

Estas imagens recordam a expedição feita por Jose Celestino Mutis, que coletava imagens de plantas de diferentes espécies, para logo fazer uma caracterização taxonômica das mesmas. O trabalho de Gonçalves me pareceu bastante interessante pela estética das fotografias, mais exatamente por estas séries comentadas.

2.4. Transferência

No momento de fazer meu trabalho de campo, na parte alta do rio dos Sinos fiz uma série de fotografias do lugar como forma de reconhecimento do mesmo. Depois, com os resultados das fotos no computador comecei a experimentar mudando o tom, o brilho e o contraste, isto com o fim de criar meu trabalho, posteriormente intitulado *Transposição* (do qual falarei mais adiante). Ali neste processo de exploração digital surgiu um trabalho e, com o passar dos dias, foi adquirindo uma força estética. Assim surgiu *Transferência*. *Fig.17* Concluindo esta atividade, comecei a achar uma certa similaridade com o trabalho de Gonçalves: as cores e a repetição do mesmo objeto me fizeram pensar que seu trabalho tinha inspirado a criação do meu. Pode ser que a simples vista não se encaixe uma coisa com outra, mas, em uma interpretação pessoal, aquelas janelas de Gonçalves se abriam e possuíam paisagens atrás delas. Estas paisagens eram *Transferências* de imagens, de lugares, de sentidos e de sentimentos de um lugar visitado e percorrido. São memórias que ficam atrás das janelas da mente que vão se fechando à medida que surgem outras. O termo *Transferência* é concedido pelo significante da palavra, como a ação de passar/levar algo de um lugar a outro. Esta ação é exposta com fotografias tiradas no município de Caraá, na localidade de Fraga, próximo à nascente do rio dos Sinos.



Fig 18 Irised Johanna Garavito. Nascente. Fotografias da nascente do rio dos sinos no município de Caraá RS



CAPITULO III: Os passos de uma viajante

3.1. TRANSposição

TRANSposição nasce como uma obra a ser apresentada na exposição coletiva INTERDITO 2015²⁷. Contém uma carga de informações a partir de uma visão pessoal, da experiência estética da viagem na paisagem do rio dos Sinos. Neste trabalho o prefixo "TRANS" é importante pela intenção de mostrar na imagem o "além", essa travessia de diferentes formas, não somente por meio da ação física do percurso na viagem, mas também na ação da composição da imagem, o deslocamento e os caminhos que se veem trançados no percurso. Este prefixo se encontra em caixa alta (maiúscula) por que de certa maneira este "através de" é mais relevante que a posição das coisas. Neste caso, representa a posição espacial do viajante.

- TRANS= além
- Posição= Situação espacial de um corpo, definida em relação a um ou vários pontos de referência fora dele. Lugar ocupado por um corpo.
- TRANSposição= do verbo transpor:
 - *Transitivo direto*: passar além de, deixar para trás; ultrapassar.
 - *Bitransitivo*: mudar de um lugar, tempo, contexto etc. para outro; transferir.

²⁷ O Projeto |INTER|DITO| foi composto por duas exposições [Galeria Mamute, Porto Alegre, e MUnA-Museu Universitário de Arte, UFU, Uberlândia, MG], um Seminário de Pesquisas e um Dossiê na Revista OUVIROUVER, da Universidade Federal de Uberlândia, MG. Grupo de pesquisa Processo Híbridos contemporâneos.

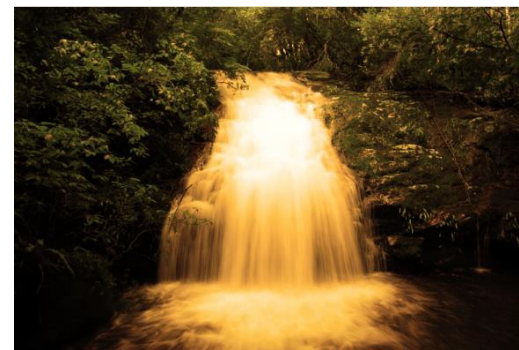
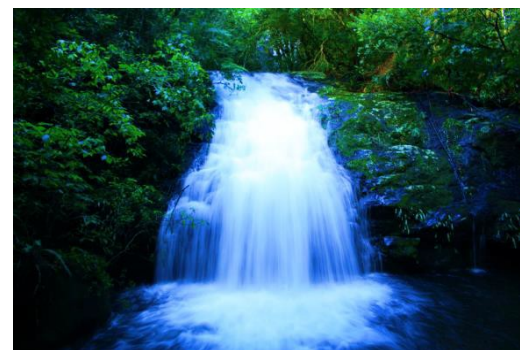
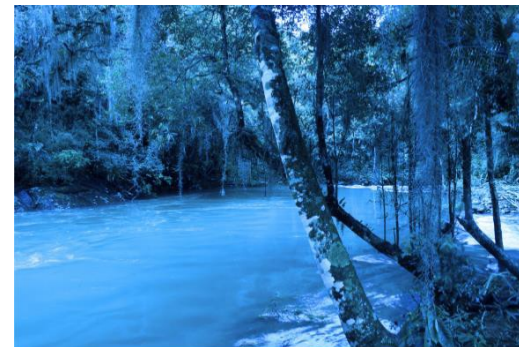


Fig 19 Irised Johanna Garavito. Registros Localidade de Fraga, Caará RS.

3.1.1. Caracterização física do lugar

A região superior do rio dos Sinos, que vai desde a nascente, no município de Carará até o município de Rolante, é caracterizada por um clima subtropical úmido, com constantes variações no tempo e grande ocorrência do fenômeno conhecido popularmente como a “viração”, pois se encontra rodeada de baixas montanhas e está muito próxima à costa do oceano Atlântico. A vegetação predominante é a Mata-Atlântica. A nascente está localizada a cerca de 900 metros sobre o nível do mar, e se encontra na escarpa da Serra Geral²⁸. É uma zona com grande diversidade de fauna, como: Jaguatirica: felino de pequeno porte, que se encontra ameaçado de extinção no Rio Grande do Sul; Graxaim: Cachorro selvagem, uma espécie de pequeno lobo; Bugio: Primata de pelagem ruiva, caracterizado pelo seu ronco; Macaco-prego: Primata concentrado no trecho superior do rio; Galha-azul: ave símbolo da região das araucárias que se alimenta do pinhão; Tucano: Ave ameaçada de extinção também pelo seu comércio como ave ornamental; Papagaio-charão: Reconhecido pela sua beleza e monogamia permanecendo com um par o resto de sua vida; Cruzeiro: Serpente peçonhenta muito perigosa. E mais de 20 espécies de peixes, entre eles o Limpa Fundo e o Barrigudinho. A vegetação apresenta vegetação ciliar e pequenos banhados.

²⁸ Mais informações em: <https://projetogisa.wordpress.com/mapa-do-ecossistema-da-bacia-hidrografica-do-rio-dos-sinos/>



Fig 20 Irised Johanna Garavito. Flora e fauna rio dos Sinos. Trilha da nascente. Caraá-RS.

Segundo a Fepam (2011), essas áreas são de baixa densidade populacional, com algumas propriedades rurais cuja agricultura é diversificada com culturas de arroz, feijão, cana de açúcar, hortaliças, etc. A pecuária é pouco desenvolvida, mas se encontram pequenas criações de gado leiteiro, suínos e aves.

Suas águas se classificam como classe 1, onde é possível um abastecimento doméstico após o tratamento simplificado, se tem uma proteção das comunidades aquáticas, se possibilita a recreação de contato primário e suas águas são utilizadas para a irrigação de hortaliças que podem ser consumidas cruas.

3.1.2. Diário de Viagem: ao Caraá

No dia 27 de fevereiro de 2015 realizei uma viagem em moto ao município de Caraá. Saindo do bairro Agronomia, na cidade de Porto Alegre, passando pela rodovia RS-118 até o município de Gravataí RS, para depois sair pela Free-Way até Santo Antônio da Patrulha e dali para o Caraá pela RS-474.

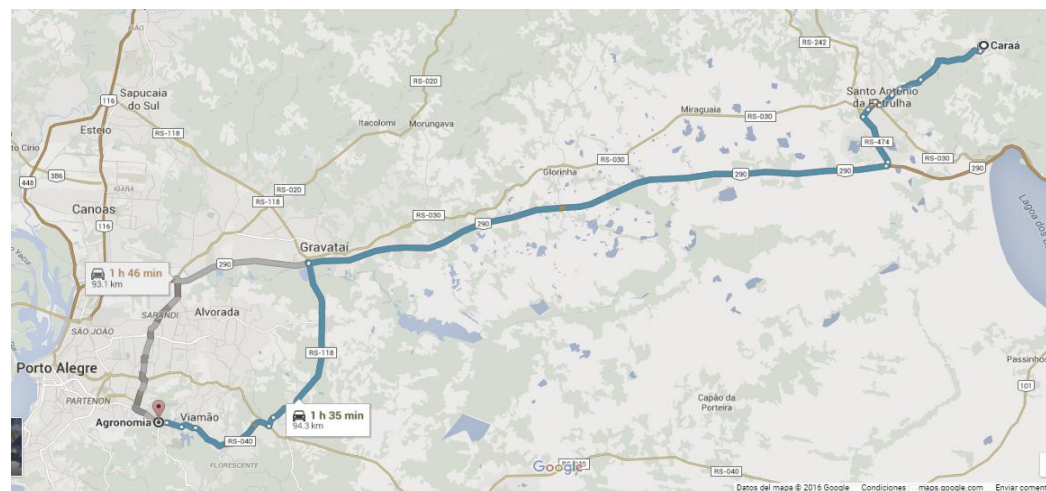


Fig 21 Rota, Agronomia- Porto Alegre RS a Caraá RS. Imagens Google Maps.

As condições climáticas me permitiram “desfrutar do verão” nas águas do Sinos. Além do lazer que me proporcionou a visita ao Caraá, o propósito da viagem era de fazer a trilha da nascente do rio dos Sinos e realizar registros do rio em alguns pontos na localidade do Fraga.

Depois de rodar quase 95 quilômetros, a ideia principal era procurar um lugar perto da margem do rio dos Sinos para acampar. Afortunadamente, a família Petró nos recebeu, oferecendo seu galpão para armarmos a barraca. Os fundos de suas terras se encontra justamente com a margem do rio. Sua hospitalidade nos possibilitou passar duas noites ali, como havíamos planejado.

No dia seguinte, já descansados, fomos a procura de alguém que tivesse conhecimento de como subir a trilha da nascente e, se fosse possível, uma companhia que servisse de guia. As pessoas da região falaram que não era possível o acesso à trilha, pois havia duas semanas o rio tinha transbordado e ainda não era aconselhável ir até lá. As condições climáticas, ainda que tivessem melhorado, eram instáveis e podiam ocorrer chuvas repentinas nas nascentes, e se caso a gente estivesse em meio à trilha, podia se tornar perigoso, pois as águas fechavam os caminhos e podiam nos deixar ilhados até que o nível baixasse novamente.

Já numa oportunidade anterior, havíamos tentando subir a trilha e aconteceu exatamente o mesmo, com o clima impossibilitando essa caminhada. Novamente estive um pouco frustrada por não conseguir realizá-la, então fui à procura de outros caminhos que o rio me mostrava. Ali encontrei muitos lugares maravilhosos, que me convidavam a fotografá-los e a entrar naquelas águas, para ir além de um simples trabalho de campo.

No dia seguinte realizei outros registros, em diferentes lugares de Fraga, cumprindo assim com esta parte do propósito desta viagem.

Mais tarde era o momento do retorno. Como escreve Michel Onfray, em seu livro teoria da viagem, poética da geografia.

Reencontrar um lugar: Depois de um tempo ascendente do desejo, depois do tempo excitante do acontecimento, chega o momento descendente do retorno. Não há viagem sem reencontro com Ítaca, que dá sentido ao deslocamento. Um exercício perpétuo de nomadismo sairia dos limites da viagem para entrar na errância permanente, na vagabundagem. (...). Tanto mais por que o reencontro com o domicílio dá um sentido, o seu sentido, ao nomadismo – e vice-versa. (Pag,85-86).

Pois é assim que a experiência da viagem se completa. Quando depois de procurar o desconhecido, chegamos ao conhecido, ao domicílio, ao reencontro com a família, com o carinho dos pais que aguardam esta chegada, com a cama confortável, com o fiel cachorro que nos espera, com a comida quente de casa... enfim, muitas coisas que nos fazem sentir seguros e tranquilos, que nos recebem sempre como se fosse a primeira vez. Mas esta sensação não é duradoura, pois a “doença” do nomadismo se manifesta novamente em pouco tempo, e já será hora de procurar um novo destino.

3.1.3. Processo de criação TRANSposição

A partir da viagem realizada no município de Caraá, surge como trabalho de campo, observação da paisagem e reconhecimento do lugar. Este está composto por uma série de três imagens da nascente do rio dos Sinos. Cada uma delas mostra de forma entrelaçada duas imagens da mesma fotografia, porém em cores diferentes.

Estas imagens são as mesmas que compõem a série de fotografias do trabalho Transferência, as quais foram trabalhadas no software Photoshop para simular um filtro fotográfico de cores (azul, amarelo, verde e natural). Foram impressas em papéis Vergê Branco e Majorca Amarelado. Em TRANSposição estas imagens foram adquirindo outras informações que ajudaram no processo de criação e experimentação. No transcurso da pesquisa, das viagens de reconhecimento e da descoberta do rio dos Sinos, percebi que na paisagem as mudanças climáticas interferiam na coloração da imagem fotográfica, como se fossem filtros de calor e frio. Isto foi uma sensação de estranhamento desde minha visão como estrangeira, pois em meu país não temos estações climáticas definidas e apesar de ser um país rico em biodiversidade, lá um mesmo lugar não muda visivelmente a paisagem como um lugar que tem inverno e verão tão distintos. Essa percepção me motivou a retomar algumas destas imagens já trabalhadas e começar a experimentar plasticamente com elas para ver os possíveis resultados.

Depois de fazer uma seleção das imagens, coloquei elas lado a lado e vi que poderia uni-las em uma só peça, isso com o fim de mesclar duas estações, podendo fazer

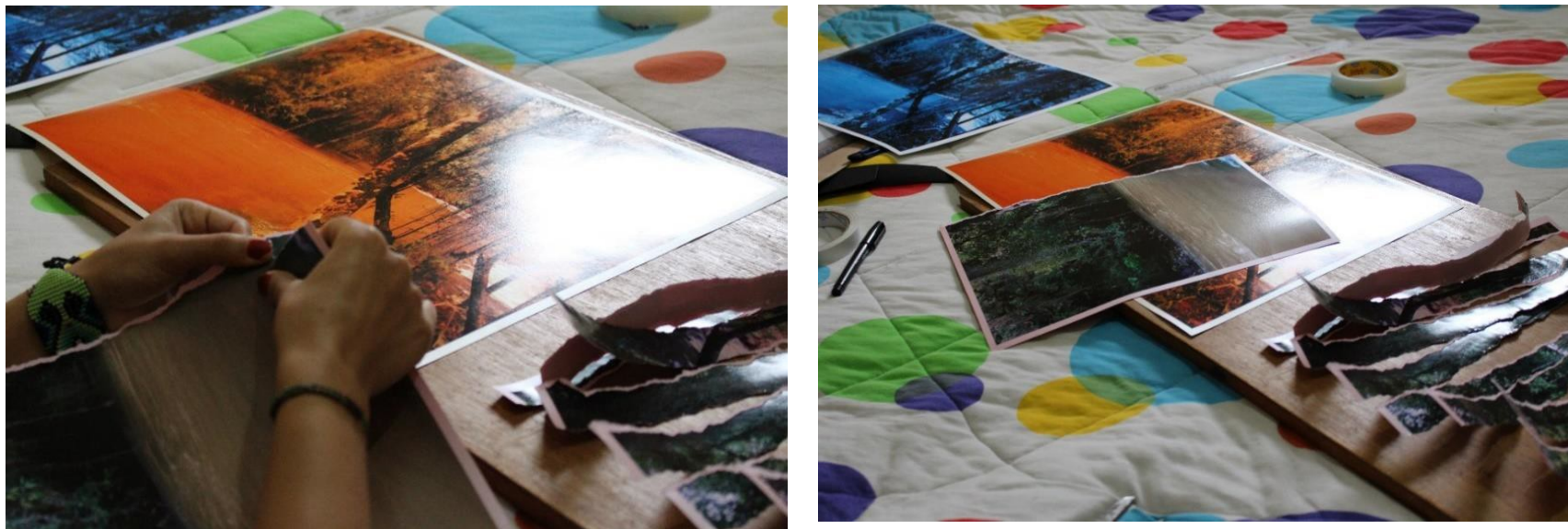


Fig 22 Irised Johanna Garavito. Processo de criação de TRANSposição.

uma junção destas como as estações em meu país, com diferentes climas, mas sem estações marcadas. Para o processo de união das imagens, pensei na possibilidade da justaposição entre uma e outra, experimentando diversas maneiras. Depois de algumas tentativas, comecei a rasgar cada uma, tirando assim algumas listras e logo entrelaçando para formar a imagem final.

Vendo como ficavam as imagens entrelaçadas, comecei a fixar a atenção nas pequenas divisões que aparecem depois de rasgá-las, as quais não seriam visíveis se as cortasse por uma só linha com uma tesoura. Em seguida, foram entrelaçadas mostrando a ressignificação que faço a partir do deslocamento pelas margens do rio, revivendo aqueles espaços em cada visita e reconstruindo-os com a ação plástica e visual. Estas linhas não simétricas, que faz o viajante ao andar, vão e voltam se entrelaçando entre elas, como no caminho ou no mapa que circunda com seus passos, atravessando de um lado a outro, mudando constantemente seu lugar na paisagem.

Concluída o trabalho, ficam entre seus rasgos aqueles diversos caminhos que foram metaforicamente percorridos para chegar àquele respectivo lugar, revelando assim minha experiência vivida nestas paisagens que se converteram, por meio da pesquisa, em lugares de cotidianidade, ou seja, ao trabalhar com as imagens, criei uma identificação com aquele espaço.

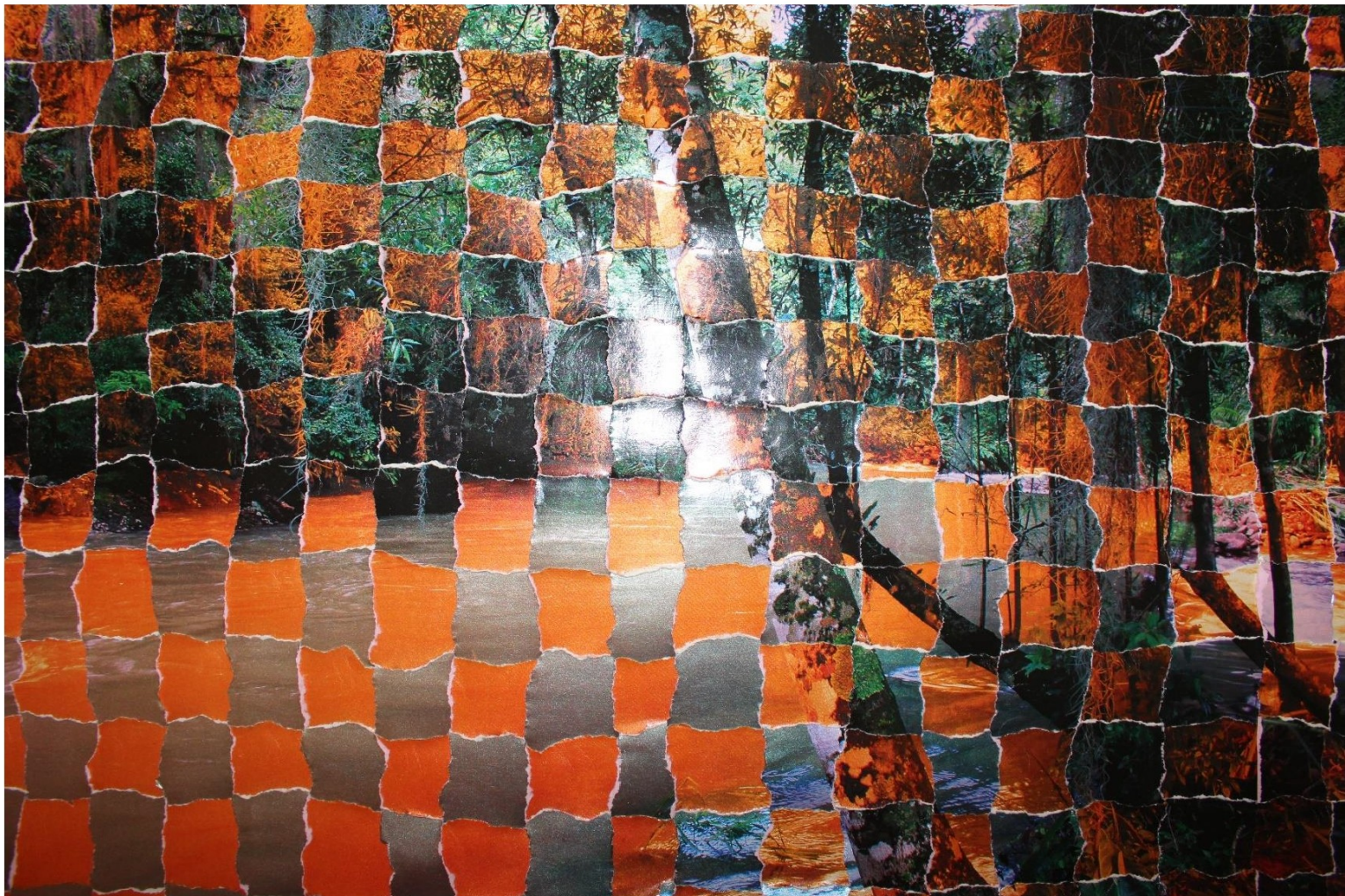


Fig 23 Irised Johanna Garavito. TRANSposição, Fotografias da nascente do rio dos Sinos rasgadas e trançadas manualmente.

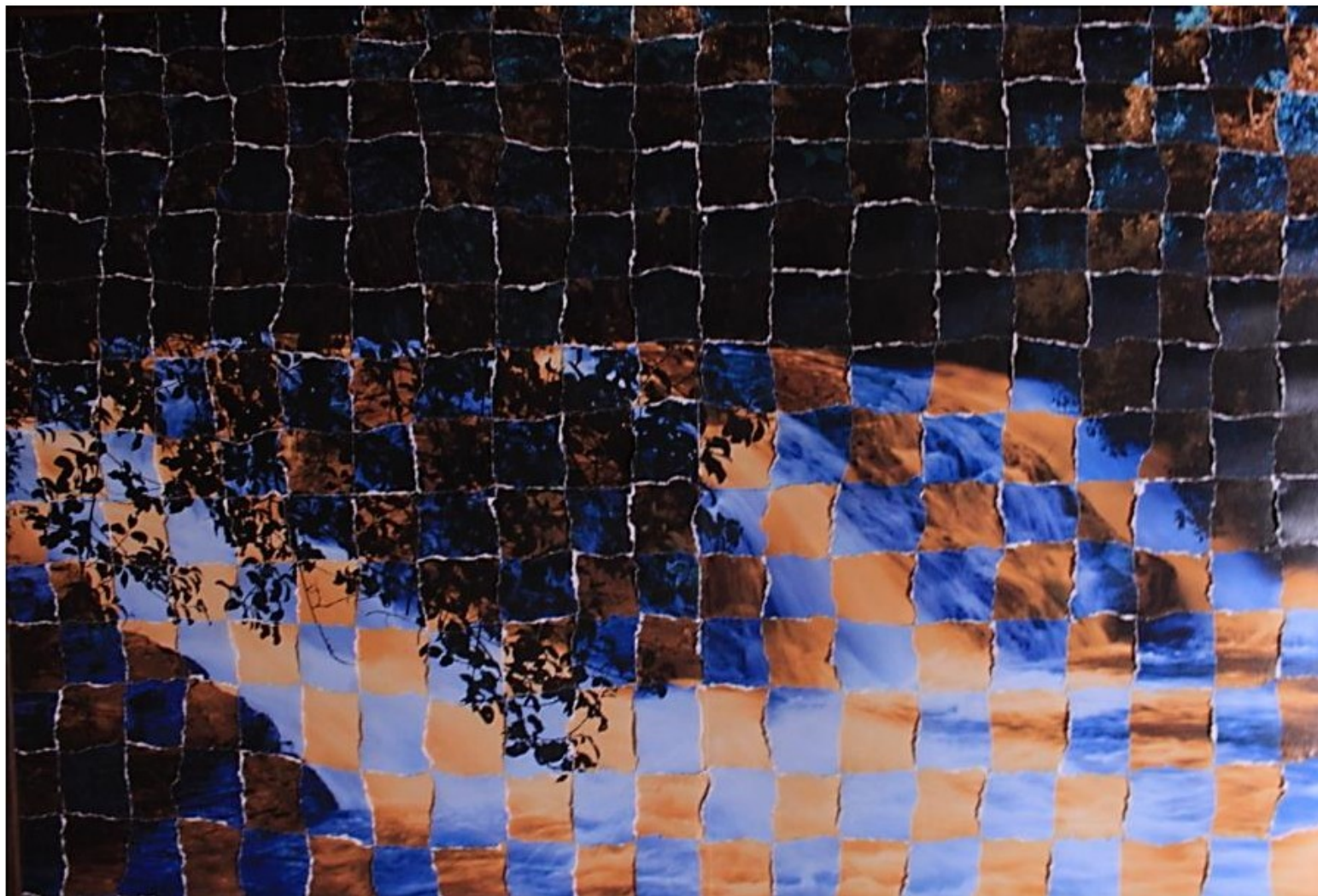


Fig 24 Irised Johanna Garavito. TRANSposição, Fotografias da nascente do rio dos Sinos rasgadas e trançadas manualmente.



Fig 25 Irised Johanna Garavito. TRANSPosição, Fotografias da nascente do rio dos Sinos rasgadas e trançadas manualmente

3.2. A caminhada como prática segundo alguns autores

Caminhar proporciona certas sensações e percepções dependendo do lugar que estamos. Um exemplo é percorrer um espaço urbano e depois um espaço rural: a sensação muda bruscamente e, inclusive, sentimentos como a liberdade e o medo estão presentes.

Segundo Careri (2003), O ato de caminhar como forma de se deslocar, vem da prática dos nômades e sua necessidade de conseguir alimentos, segurança e descobrir o mundo ao redor. Na caminhada o sujeito/viajante intervém na paisagem e dali ele decide se quer representá-la ou somente contemplar sua carga cultural. Careri (2003, p.19-20), afirma que “Através do andar o homem começou a construir a paisagem natural que o rodeava. E através do andar se têm formado em nosso século as categorias com as quais interpretamos as paisagens urbanas que nos rodeiam”. Assim, com suas experiências, os homens começaram a andar para conquistar territórios e conhecimento, como fizeram alguns artistas viajantes dos séculos XVII e XVIII, adquirindo hábitos e práticas, para assim poderem fazer parte de uma sociedade. Tais *habitus*, segundo Bourdieu²⁹, se converteram em práticas que até hoje são conhecidas como tradições e costumes, fazendo da caminhada uma forma de reconhecer e experimentar o mundo.

²⁹BOURDIEU, Pierre. *El sentido Práctico*. Se entende por *habitus*: as formas de atuar, pensar e sentir que estão determinadas pela posição que uma pessoa ocupa na estrutura social.

Já os artistas do *Minimal Art* e da *Land Art*, nos anos 1960, adotaram a caminhada como experiência estética nas artes visuais. As experimentações a partir da caminhada são vistas como instrumento de conhecimento na elaboração das transformações do espaço. Destacando também a importância da relação que deve ter a obra apresentada com o local de apresentação³⁰. Na *Land Art* se evidenciam ações que são importantes na elaboração da minha pesquisa *in loco*, na forma em que referenciam a paisagem não só como um lugar isolado que se representa, mas também como um lugar de reconhecimento que faz parte da experiência.

Bruce Nauman, (fig. 26) em seu vídeo *walking in a exaggerated manner around the perimeter of square*, feito em 1967, mostra a ação da caminhada partindo da conscientização física, fazendo que o espectador perceba a forma na qual as mudanças de peso e equilíbrio são fundamentais, percorrendo assim, de maneira contínua, um quadrado feito no piso de um espaço fechado.



Fig 26 Richard Long, A line Made by Walking (1967)

Richard Long, em sua ação *A Line Made by Walking*, além de mostrar a caminhada como prática na arte, a relaciona com o tempo, com a distância, com a geografia e com a medida. Long elabora sua ação num lugar aberto, enfatizando a repetição num só espaço de caminhada, igualmente a Neuman. Como se pode observar, este último já possui uma linha/percurso no momento de sua caminhada, tornando consciente o

³⁰ REY, Sandra. *DesDOBRamentos da paisagem. Em Paisagem, Desdobramentos e perspectivas contemporâneas*. UFRGS 2010.

ato de deslocamento à medida que dá cada passo. Por outro lado, Long cria seu caminho repassando seu percurso uma e outra vez até marca-lo, deixando um rastro de grama morta na paisagem com suas pegadas.



Fig 27 Bruce Nauman. "Walking in a Exaggerated Manner Around the Perimeter of a Square" [1967-68]. Vídeo 16mm, 10 min 30 segs. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=oDhuZ2Ya2wM>

Outra forma de caminhada é a que mostra o legado da artista Lygia Clark, que trabalhou na exposição itinerante *caminhando em busca do próprio caminho*, fazendo um percurso por algumas cidades de Portugal a bordo de um caminhão. Este se transforma em uma galeria de arte, que contém as obras da artista. Nesta exposição, o espectador é participante fundamental da experiência artística e pode intervir nas obras e, inclusive, recriá-las. Ali, a equipe – legado da artista – não precisa estritamente realizar uma ação de caminhada deixando literalmente a pegada no

caminho. Eles tomam emprestada a palavra “caminhar” para falar do “percorrer”, como forma de atravessar um território. Levam as obras da artista para as comunidades dando a oportunidade de interação com elas. Há diferentes formas de se fazer uma caminhada artística, diferentes formas de *Transandar*. A galeria é levada ao espectador saindo da formalidade de um museu. Será que este tipo de experiência consciente e inclusiva poderia lutar contra as possibilidades do ambiente fechado de um museu, onde se torna cada vez mais um espaço elitizado e excludente?

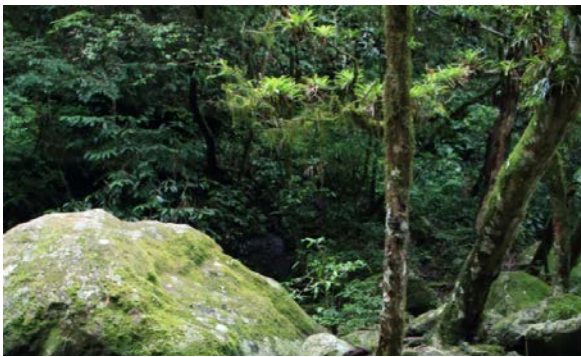
A obra de Paulo Nazareth e a caminhada como forma de chegar a algum lugar foram incentivadoras no processo deste trabalho e produção em arte a partir do conceito da viagem. A viagem, dependendo de como é feita, pode transformar a maneira de se ver a paisagem, pois a partir da experiência, as concepções de mundo e seu sentido mudam na cabeça do artista/viajante. Ao identificar-me com a obra deste artista pude sentir quando ele fala em "ir de carona", por que eu também já fui, por que já vivenciei o que é estar na estrada e conhecer as coisas a partir do meu próprio ponto de vista, podendo reinterpretá-las a partir da minha experiência. Então, em relação ao trabalho do artista, senti esta proximidade, pois a experiência é uma situação muito mais real do que suas obras expostas no museu.

Para a pesquisadora Sandra Rey (2010 p, 276) em seu projeto *DesDOBRAMENTOS da paisagem*, “ as ações de deslocamento na paisagem propõem vivenciarmos uma

experiência perceptiva ligada ao andar e ao território, ao deslocamento, portanto, e propõem, ainda, o ato de colher fragmentos de memórias, através de imagens fotográficas captadas no ato mesmo do deslocamento”. Assim, por meio da experiência de percorrer um espaço e fotografá-lo podemos narrar e interpretar de diferentes maneiras a nossa realidade. Cada enquadramento e tomada fotográfica evidencia um resultado individual do que queremos ou não mostrar na imagem.

Assim como no cotidiano, em meu processo criativo a viagem e a caminhada são parte fundamental. A procura por novos espaços e lugares me levou a desenvolver um método próprio, reinterpretando cada paisagem subjetivamente a partir do olhar, captando seus elementos por meio da fotografia, e representando-os de forma plástica, visual e escrita.

3.3 Transandar



Río que no sé dónde nace... unos dicen que el río nace en los picos nevados

del territorio... otros dicen que el río nace en los páramos del Huamurran³¹... otros que los ríos afloran de las entrañas del territorio, así como del Kuripollo³²... otros afirman que el río nace en las nubes de los equinoccios... otros relatan que el río nace en la emanación lumínica del taita inti (sol), sobre las inmensas verdes y vírgenes montañas del huaico del Pacífico... cuando por la evapotranspiración se calienta la atmosfera, y el agua sube, cruza y llega hasta formarse un río... Así que el río es una espiral, y el indio debe ser agua que cruza las montañas, ríos y lagunas, condensándose en el frailejón, conjugando los siete colores del Cueshe, espíritu del agua.

Ser como del pueblo de los Pastos el río es ir- entrar- salir – llegar- estar constantemente circulando, andando, viajando, es decir, en continuo camino y movimiento.

Metáfora del Tita Juan Shiles (1758³³)

A partir dos conceitos de “transcender” e “andar” criei um conceito próprio, a ser desenvolvido nessa pesquisa, denominado *Transandar* (*trans* - além e *ambulare* - caminhar). Tal conceito surge a fim de atribuir especificidade entre a ação a ser realizada e a aproximação conceitual, apontando o ato da caminhada também como prática artística e não apenas como ação física. O *Transandar* é ver, sentir e chegar além dos limites, é o que simplesmente está, mas não vemos. Segundo Bhabha (1998, p.27):

Estar no “além” é habitar um espaço intermédio, como qualquer dicionário lhe dirá. Mas residir no “além” é ser parte de um tempo revisionário, um retorno ao

³¹Nota do Taita Efrén: “Huamurran: huaca da água”.

³²Nota do Taita Efrén: “Kuripollo: fonte de água dum cerro chamado Colimba”

³³Taita é o nome atribuído a um padre-curandeiro da comunidade indígena Muisca, da Colômbia. Também pode ser traduzido como “pai”.

presente para reescrever nossa contemporaneidade cultural; reinscrever nossa comunidade humana, histórica; *tocar o futuro em seu lado de cá*. Nesse sentido, o espaço intermédio “além” torna-se um espaço de intervenção no aqui e no agora.

O *Transandar* se representa pela ação de se deslocar, neste caso na bacia hidrográfica do rio dos Sinos, mais exatamente na trilha da nascente do rio.

A partir da prática de mobilidade no espaço visitado, o caminho foi documentado por meio da fotografia, fazendo uma narração do percurso na paisagem, da totalidade da trilha.

A caminhada foi feita com a finalidade de percorrer um lugar não conhecido e desfrutar da aventura da viagem. Andando com atenção no caminho, passando as dificuldades de uma trilha de nível médio e ainda sem ideia de como realizaria o trabalho prático. Estive ali, naquele momento, somente pela experiência, a qual se converteu, na sequência, em detonadora de ideias para a criação.

A experiência de *transandar* é viajar, conhecer, sentir, tocar, entrar na água, sair, se molhar, cair, atravessar o caminho e seguir o percurso.

3.3.1 Diário de Viagem: trilha nascente do rio dos sinos



Fig 29 Rota Porto Alegre Caraá de carro ou moto pela via 290. E do município de Caraá à Localidade de Fraga, entrada da trilha: nascente do rio dos Sinos. Fonte Google maps

No trabalho de campo feito no dia 13 de fevereiro do 2016 realizei a trilha da nascente do rio dos Sinos, no município de Caraá.

Realizamos inicialmente uma viagem em moto, rodando 94 quilômetros de Porto Alegre até Caraá, depois mais 24 quilômetros de estrada de terra até a localidade de Fraga, onde começamos a caminhada mata a dentro.

Nesta oportunidade as condições climáticas permitiram o ingresso à trilha, mas por motivos de segurança, não é possível acessar o ponto exato onde nasce o Sinos, pois não existe trilha aberta até lá. Para chegar perto deste ponto é necessário subir ao

lado da cascata de 121 metros, com um alto nível de dificuldade, subindo grandes paredões de rocha, fazendo-se necessário o uso de equipamentos de segurança. Então esta etapa da experiência se deu somente até a parte de baixo desta cascata. Este ponto será o que denominarei aqui como a nascente do rio do Sinos, até por que os moradores e visitantes desta trilha a chamam de Cascata da Nascente.

Nesta trilha fui acompanhada pelo geógrafo, Tauã de Lucena Rasia, que fez também algumas tomadas fotográficas da minha caminhada, e o geólogo e guia da trilha Sandro Petró, conhecedor do lugar pela sua experiência de vida, já que é a sua terra natal e onde ainda moram seus parentes. Eles já tinham feito a trilha mais de uma vez e deram informações gerais sobre ecossistema, geomorfologia e solos do local. Além disso, foram ótimas companhias para realizar a minha viagem até a nascente do rio dos Sinos.

A trilha se divide em dois trechos níveis de dificuldade diferentes. O primeiro passa por duas cascatas e chega a uma terceira com 21 metros de altura (Fig.30). Neste trecho percorremos cerca de 3 quilômetros, ou o equivalente a uma hora e meia de caminhada. No caminho, atravessamos o rio algumas vezes. Passando a terceira cascata, começa uma trilha com um grau de dificuldade maior, com subidas íngremes, com algumas cordas instaladas para ajudar e com algumas pedras cheias

de limo, que dificultam um pouco a caminhada. Mas valeu muito a pena todo o esforço, pois depois de outra meia hora de caminhada, aproximadamente um quilômetro mais, chegamos a uma cascata de impressionantes 121 metros de altura (Fig.31).

Além do descobrimento do lugar, a experiência desta caminhada permitiu um "Transandar", sentindo os arredores da trilha, atravessando o rio repetidas vezes, sentindo o cheiro da mata úmida, deixando-me levar pelo caminho, seguindo os rastros da água, nadando nela, entrando e saindo no leito do rio. Mais que uma experiência estética, foi uma experiência perceptiva.

No momento da caminhada o principal instrumento de trabalho foi a máquina fotográfica, para documentar o deslocamento. Ali este elemento se convertia no dispositivo com o qual narraria a experiência visualmente, reinterpretando o percurso a partir de minha visão da realidade.



Fig 30 Irised Johanna Garavito. Cachoeira Localidade de Fraga, Caraá RS. Fotografia.



Fig 32 Irised Johanna Garavito. Cachoeira 21 metros. Trilha do rio dos Sinos Caraá RS.



Fig 31 Irised Johanna Garavito. Cachoeira 121 metros. Trilha do rio dos Sinos Caraá RS.

3.3.2. Processo de criação

HAY QUE SABER SER: COMO EL AGUA, LA PIEDRA, LA ESPUMA Y EL RIO.
 El SER saber cómo el agua en sus tres estados: gaseoso, líquido y sólido.
 El SER andino debe saber ser como la piedra: duro por genética, puro, sólido eterno. Andino por naturaleza: duro, tosco y fuerte.
 El SER saber cómo la espuma: que baila en la curva de la vida dando vueltas en la corriente eterna del río mayor – o la vía láctea-.
 Espuma que se desvanece para ser agua:
Que el peligro no me arrastre
Que la corriente sea el ritmo
Con el cual giro hacia lo izquierdo
Y hacia la derecha, en la aplicación
Del uso de las energías que reina el territorio.

Descritas por el taita Efrén Tarapués Cuaical³⁴

No exercício do Transandar realizei a caminhada pela trilha, fazendo os registros com câmera digital, com as lentes 18-55 e 75-300. O registro da paisagem era feito por mim, enquanto o registro de minha caminhada era feito pelo geógrafo Tauã de Lucena Rasia. Depois de realizar a trilha, já no trabalho de laboratório, foram escolhidas algumas das imagens para edição digital, dando alguns retoques antes de

³⁴ O taita muisca Efrén, quem tive a oportunidade de conhecer pessoalmente, falava do que devemos saber quando vamos ao rio, quando caminhamos o rio, quando nos submergimos no rio. Falava do respeito que devemos ter com a deusa Sie (deusa da água em idioma muisca), e que sempre que quisermos interagir com a água devemos pedir permissão a ela, pois se não entrarmos na água com o devido respeito, Sie poderá nos seduzir e levar até o fundo do rio, de onde já não conseguiríamos sair.

serem impressas. No fim, foram 28 fotografias impressas em tamanho A3, no papel Vergê Branco 210g.

Com o material impresso em mãos comecei a trabalhar plasticamente, fazendo surgir o trabalho intitulado Transandar 2016.

Tendo como antecessor o trabalho Transposição 2015 que mostrava o trançado de fotografias, quis continuar pela mesma linha técnica, mas com diferenças na composição, fazendo não apenas fotografias enquadradas, mas sim um tipo de instalação no espaço de exposição, trançando só uma parte de cada imagem, jogando com novas formas de composição a partir do processo de experimentação. Durante processo coloquei as imagens no espaço e comecei a dispor cronologicamente as fotografias. Em seguida fiz uma sobreposição das imagens e decidi entrelaçar algumas partes com outras, rasgando-as e trançando até conseguir um resultado estético que me agradasse. Desta maneira, procurei narrar a experiência da caminhada, fazendo do "Trans" não somente uma forma prática, senão também uma forma de representação.



Fig 33 Irised Johanna Garavito. Transandar. Instalação. Fotografias trançadas da trilha do rio dos sinos.



Fig 34 Irised Johanna Garavito. Transandar. Instalação. Fotografias trançadas da trilha do rio dos sinos.





A wide river flows through a landscape at sunset. The sky is filled with dark, heavy clouds, with a bright orange and yellow glow from the setting sun visible on the horizon. The water in the foreground is dark and reflects the colors of the sky. In the distance, a line of dark trees and silhouettes of buildings or structures is visible against the horizon. The overall mood is serene and atmospheric.

CAPITULO IV: Olhares à paisagem

Fig 35 Irised Johanna Garavito. O encontro de dois grandes. Fotografia foz do Rio dos Sinos.

4.1. Transborda

TRANSBORDAMENTO

O rio impaciente, inconstante, incerto sai da sua margem muitas vezes imposta por seus moradores que ao mesmo tempo transbordam seu leito invadindo-o com suas casas. O Sinos recebe em seu interior as águas dos céus que não param. Chuva, chuva que o faz mais forte, água que não quer ficar mais nas nuvens e que vem para alimentá-lo. Raios e trovões alarmam e predizem o início da tormenta, o sol oculto atrás do horizonte junto com as cores púrpura do céu realçam o contraste das nuvens sombrias com alguns reflexos pretos e cobres. A violenta tormenta começa. Água que cai nas montanhas se mistura com a água transparente das nascentes, com pedras, lama e areia, formando uma grande mistura lamosa semissólida que cai com força pelas antes pequenas cascatas de águas cristalinas. A força das águas desce pela montanha e arrasta o que vem em sua frente. Logo abaixo quando consegue descer os montes se estendem horizontalmente inundando plantações, pequenas cidades, e casas.

O rio que leva em seu interior os restos podres que caem do esgoto, os restos hospitalares, curtumes, seus peixes contaminados e mortos entre outras coisas. Grita, se mobiliza com força, se pronuncia, se reivindica e se vingá.

O rio forte e sinuoso recuperou seu espaço.

Johanna Garavito

Para a realização dos trabalhos Transborda e Tranborda-Dos, foi registrada uma variação cronológica de acontecimentos, fazendo uma comparação entre diferentes

épocas do ano. A primeira coleta de imagens foi realizada no verão de 2015, numa viagem de reconhecimento da parte alta do rio dos Sinos, originando a serie Transborda. Mais adiante, no inverno do mesmo ano, foram registradas algumas imagens na parte média-baixa do rio, as quais foram comparadas com novos registros feitos no verão do ano seguinte nos mesmos pontos. A partir desta comparação surgiu o trabalho Transborda-Dos, que apresenta o estado do rio e suas variações dependendo da estação climática e da intensidade das chuvas.

4.1.1. Diarrio de viagem: Ao encontro

A primeira exploração próxima à nascente do Sinos, na localidade de Fraga, no município de Caraá, ocorreu no dia 13 de fevereiro de 2015. Esta atividade tinha como fim coletar imagens do Sinos na época do verão, percorrer a trilha da nascente e aproveitar a viagem para banhar-me em suas águas, fugindo um pouco do calor na cidade. Previamente, já havia realizado outras visitas ao rio para conhecer minha área de estudo, porém estas foram nas partes média-baixa e na foz.

Desta vez o encontro com o rio se deu antes de chegarmos ao lugar planejado. Faltavam uns dez quilômetros para a primeira parada, mas na estrada surgiu um inconveniente que parou os poucos passantes do lugar, como nosso meio de transporte era a moto, facilmente conseguimos chegar à frente para ver o que acontecia. O rio, que costeava a estrada, havia transbordado sobre ela e não

permitia a passagem. A gente estava rodeando a estrada do rio dos Sinos, mas ele se adiantou, e veio a nosso encontro.



Fig 36 Irised Johanna Garavito. Transbordamento rio dos Sinos Caraá RS. Fotografias.

Nesta ocasião, o rio dos Sinos se mostrava com uma cor incomum para mim, era um amarelo areia e se via que aquelas águas haviam sido misturadas com barro. O rio manifestava uma força muito grande, muito diferente do que eu já conhecia. Ao me aproximar de uma ponte sobre o rio, tomou conta de mim uma sensação de medo e de preocupação ao vê-lo tão grande e levando até arvores inteiros com aquela força. Era muita água passando por ali, sem comparação com as fotografias do rio manso que havia registrado anteriormente. Minha área de estudo voltou a surpreender: o Sinos havia transbordado justamente no verão. Este era definitivamente "outro rio" na minha visão.



Fig 37 Irised Johanna Garavito. Registro rio dos Sinos Verão 2015 localidade de Fraga.

Frente a sensações de medo e insegurança, devido à magnitude da área de estudo, me fiz inúmeras perguntas sobre a escolha da mesma. Depois de registrar aquelas paisagens do Sinos com a máquina fotográfica percebi que era um belo desafio. Avistava um rio que recuperava seu curso original e tomava conta das estradas e caminhos humanos perto de seu leito. Além disso, ele me mostrava sua "face" mais forte, mostrando naquele momento o som de seus Sinos.

Ao realizar a tomada das fotografias, percebi a semelhança da marca e da matriz das quais fala Berque (1998), pois ao caminhar reconhecendo o rio dos Sinos pude perceber que a paisagem era parte de mim e da interação que eu tinha com ela naquele momento. Ademais, aquela estrada por onde caminhei era parte da civilização local, da criação do homem e, como tal, uma marca no espaço. Já o rio

se mostrava como matriz ao participar como objeto de percepção e intervenção naquele espaço que alguma vez foi dele.



Fig 38 Registro da experiência. Fotografia cortesia de Tauã de Lucena Rasia.

Seguindo com a narração da experiência, a escolha da data para a realização daquela viagem era precisamente no verão para poder fazer a trilha da nascente do rio dos Sinos, mas o encontro inesperado com uma paisagem de chuvas e enchentes não permitiu o acesso à trilha. Aquele não foi o momento para conhecer essa parte do rio, mas sim uma oportunidade onde o rio quis se mostrar como dominante do lugar e daquela paisagem.

Após uma pequena espera na estrada, baixou o nível do rio e seguimos nosso caminho. Chegamos na localidade de Fraga, onde procuramos um lugar abrigado

para acampar, pois já haviam alguns dias chovendo e por isso o rio estava tão grande.

No dia seguinte perguntei a moradores locais como estaria trilha da nascente, se daria para ir. O que eles disseram é que não era recomendável, pois a trilha estava lisa e também as cachoeiras estavam tão grandes que não conseguiríamos atravessar. Então decidimos deixar para uma próxima viagem. Ali realizamos uma caminhada rio abaixo pela beira do rio e fiz a tomada de algumas fotografias com aquela enchente. Ficamos 3 dias acampados, mas a chuva não cessava, o que interferiu na tomada de novas imagens. Então demos por terminado o campo na localidade de Fraga, desta vez.

4.1.2 Processo de criação transborda

Estas imagens são tomadas a partir do percurso feito a pé, nas enchentes que sofreu o rio dos Sinos no verão de 2015. A série *transborda* consiste em três fotografias editadas desde o *software* Photoshop. Cada uma das peças é feita a partir de duas fotografias do mesmo lugar, porém tomadas de diferentes ângulos, as quais são montadas de forma tal que só uma parte da imagem se encontre, resultando numa composição onde as fotografias também “transbordam” entre si.

Como elemento principal, foi utilizada a ferramenta *solarização* na edição da luz da fotografia para, por meio desta, procurar uma sensação obscura em algumas partes

da montagem, buscando representar um certo o sentimento de temor que me causado pelo contato com um rio que saia de suas margens convencionais e transbordava para levar tudo o que tinha na sua frente com uma força incomensurável.

A serie transborda foi pensada a partir da minha experiência com o lugar e minha visão de visitante que percorre um lugar pela primeira vez, dando um significado próprio para os acontecimentos na paisagem, reinterpretando-os por meio da observação e representando-os através da exploração plástica e visual. Nesta visita aquilo que para os habitantes locais era uma constante, para mim era algo totalmente novo. A experiência dessa viagem conseguiu corroborar, com a ideia que como espectadores, a visão das pessoas locais é diferente daquela de quem avista o lugar pela primeira vez.



Fig 39 Irised Johanna Garavito. Serie transborda. Tamanho 60X 30 cm. Fotografia com edição digital



Fig 40 Irised Johanna Garavito. Serie Trasborda 2. Tamanho 60 x 30 cm



Fig 41 Irised Johanna Garavito. Serie Transborda 3. Tamanho 60 X 30 cm

4.2 A paisagem a partir do olhar cultural

A paisagem tem sido um termo bastante utilizado em diferentes campos do conhecimento e possui múltiplas dimensões e significados. Neste caso falarei dela como parte da cultura, já que desdobra seu significado a partir da visão e do olhar do ser humano. Javier Maderuelo (2005) fala na dificuldade em poder oferecer uma definição geral do termo Paisagem, é por isso que em seu texto *Paisagem: gênese de um conceito*, faz uma pesquisa por meio da “história da cultura” e de como tem sido forjado o conceito de paisagem até hoje. Este conceito surgiu no âmbito da atividade artística, utilizando-se para caracterizar um gênero da pintura ocidental, contagiando em seguida outras artes, permitindo assim explicar o sentido artístico de diversas práticas culturais como, por exemplo, a jardinagem, a agricultura e a geografia. Apesar destas práticas terem transformado com sua exploração o território que observamos, podemos avistar sua forma estética, apreciando seus valores plásticos e pitorescos.

Segundo o Convênio Europeu da Paisagem, realizado em Florência no ano 2000, paisagem é “qualquer parte do território tal como a percebe a população, cujo caráter seja o resultado da ação e a interação de fatores naturais e/ou humanos”. Houaiss (2001, p. 2105) cataloga o termo como um “conjunto de componentes naturais ou não de um espaço externo que pode ser apreendido pelo olhar”. Então, poderíamos

afirmar que seus significados são meramente subjetivos e dependem dos costumes, da posição geográfica, da estratificação social, etc. e é caracterizada pela dimensão estética e pelo seu imaginário. Esta visão pode sugerir sentimentos de liberdade, de repulsão ou até de apropriação do espaço. Não somente se fala de percepção, como diz o psicólogo James Gibson³⁵ em sua *abordagem ecológica da percepção visual*, mas de todos os modos de relação do indivíduo com o mundo, com o outro que é a sociedade que o condiciona e o supera, e com tudo aquilo que o cataloga no seio de uma cultura, levando em conta que todos os indivíduos têm diferentes modos de ver e de se relacionar com o espaço. Para Jesus Martín Barbero a cultura é parte da vida cotidiana e pode se manifestar por meio das artes.

Afirmamos que cultura não é apenas o que a sociologia chama de cultura, que são aquelas atividades, aquelas práticas, aqueles produtos que pertencem às belas artes e às belas letras, à literatura. Há uma concepção antropológica de cultura que está ligada às suas crenças, aos valores que orientam sua vida, à maneira como é expressa sua memória, os relatos de sua vida, suas narrações e também a música, atividades como bordar, pintar, ou seja, alargamos o conceito de cultura. (...). Com uma noção de cultura diferente, começamos a entender que, se era cultura, estava dentro da vida cotidiana. (MARTIN-BARBERO; BARCELOS, 2000, p. 157).

A partir desta premissa, como se poderia fazer uma ressignificação da paisagem em uma sociedade meramente desconhecida a partir do ponto de vista do viajante?

³⁵ James Gibson, psicólogo Norte americano considerado como o mais importante psicólogo do século XX na área de percepção visual. Gibson estudou o conceito de fluxo óptico (que pode descrever-se como o fluxo aparente do movimento dos objetos no campo visual com relação ao observador) usando o padrão de luz na retina.

Segundo Berque (1998, Pag, 90): "As paisagens se podem definir como narrativas identitárias, pois transmitem representações e ações políticas que estão perfeitamente inseridas nos conceitos sobre as identidades". No processo de construção e exposição de uma paisagem nota-se a relação constante com o passado, pois transmite à posteridade numa interação entre história e estética.

BERQUE (1998, Pag, 33) define a paisagem como:

"Forma/objetivo/projeção/visão do observador. Sobre tudo produto que institui o sujeito. A paisagem existe no objeto, no sujeito e na relação/interação. A paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização, mas também é uma matriz porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação – ou seja, da cultura – que canalizam, em certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza e, portanto, a paisagem do seu ecúmeno".

Ao iniciar o reconhecimento de um lugar ou de uma paisagem, o sujeito (pesquisador, viajante, artista ou outro), dependendo do lugar, tem uma predisposição e preconceitos formados a partir das premissas do senso comum de uma sociedade. O sujeito "visitante", observador do local, pode se inserir no lugar de diferentes maneiras:

- Como sujeito viajante que reinterpreta o contexto a partir de sua visão, sem pretender mudar significativamente o lugar.

- Como sujeito que vem de fora e pretende fazer uma crítica ao lugar sem conhecer a fundo suas problemáticas ou necessidades.
- Como etnógrafo que procura se inserir no lugar para fazer sua pesquisa como ação participativa.

Como viajante que deseja reconhecer e descobrir o mundo como uma forma de conhecimento pessoal, penso que no momento de me inserir num determinado lugar, estou participando ali como mais um elemento na paisagem, sem pretensão mudar aquele lugar. Esta pesquisa não possui uma finalidade social, pois na viagem o objetivo principal é o descobrimento pessoal e a inspiração obtida como ativadora da criação artística.

Na segunda e terceira forma de imersão no lugar, se poderia interpretar a comunidade local de forma negativa. Hal Foster (2001) em seu livro “O retorno ao real” – analisando as preocupações de Benjamim – fala dos “perigos” do artista como etnógrafo, onde ele se introduz num contexto determinado para estudar ou simplesmente para conhecer. Neste caso, o sujeito poderia tomar uma postura “superior” frente ao sujeito local e interpretar suas ideias a partir sua subjetividade. Este, ao não possuir uma identidade com o lugar, poder se apropriar de conceitos, padronizar suas ideologias e tratar de impô-las ou simplesmente fazer o papel de informante. O observador in loco tem uma autonomia, uma forma independente de

ver ou perceber através dos sentidos, dos elementos singulares e naturais, das transformações e das pessoas que conformam e compõem a paisagem. Logo, esta será condicionada pelas experiências do observador, por seus interesses e por suas consequentes ressignificações do espaço analisado. Como está dito no livro de Foster (2001, pág.178): “Identidade não é o mesmo que identificação e as aparentes simplicidades da primeira não devem substituir as complicações reais da segunda”.

4.3. Transborda-Dos

Este trabalho surgiu como proposta no momento que decidi fazer uma comparação entre o estado do rio dos Sinos em duas estações diferentes.

O título *Transborda-Dos*, é dado por dois aspectos. Primeiro, pela sequência do trabalho *transborda*, já que em língua espanhola (minha língua natal) “dos” significa o número dois. Segundo, pela incidência dos afetados, pois para mim o termo “transbordados” faz referência tanto ao rio que se transbordava pelas cidades deixando pessoas afetadas, como também por estas pessoas que, com suas casas, transbordavam o leito do rio, espalhando-se por seu território. Duas ações que se apresentavam ali misturadas em uma atuação da natureza.

Na grafia da palavra, a terminação “Dos” está com a primeira letra em caixa alta, pois sua origem é na língua espanhola e não no português, fazendo ênfase em que se trata de uma palavra estrangeira.

O trabalho de campo foi realizado em duas partes: a primeira se divide em duas viagens, sendo uma nos municípios de Campo Bom, Novo Hamburgo e São Leopoldo, e outra no município de Canoas; a segunda parte foi realizada nos mesmos lugares, porém após um intervalo de 6 meses, quando o regime de chuvas era bem distinto.

4.3.1. Caracterização Física do lugar

O médio percurso do rio dos Sinos passa pelos municípios de Parobé, Taquara, Sapiranga, Novo Hamburgo, Campo Bom, São Leopoldo e Portão. Esta área se caracteriza pela sua tensão ecológica, devido à existência do contato entre diversas formações vegetais do Rio Grande do Sul. Isto ocorre sem uma mistura das características florísticas de cada agrupamento. Quanto à declividade hidrológica, esta parte do rio conta com uma declividade média, e a extensão deste segmento é de aproximadamente 125 quilômetros. Nesta região, o Sinos recebe o rio Paranhana, que drena uma sub-bacia de 580km², o rio Rolante, drenando 500km² e também o rio da Ilha com uma área de drenagem de 330 km². Graças a isto, o rio dos Sinos possui um alto índice pluviométrico, tornado os seus afluentes bastante importantes no seu regime hídrico³⁶.

Seu principal afluente nesta porção é o rio Paranhana, que abastece municípios como Taquara, Igrejinha, Três Coroas e parte de Gramado e Canela. Ali, nesta zona, a qualidade de água é caracterizada como de classe 3, onde pode haver um abastecimento doméstico após o tratamento convencional, existe irrigação de arbóreas, cerealíferas e forrageiras. Também nesta parte os animais bebem a água para matar a sede.

³⁶ Ver mais em: http://www.fepam.rs.gov.br/qualidade/qualidade_sinossinos.asp

Já na parte inferior da porção média e baixa do rio as condições quanto à qualidade da água se convertem em classe 4, onde as águas podem ser usadas apenas para a navegação, para a harmonia paisagística e para usos menos exigentes. Ali, não é considerada apta para o consumo.

Nesta região encontramos uma fauna não tão diversa como na parte superior, mas ainda se encontram certo tipo de espécies características da região, como o Martim Pescador: esta ave, que tem 5 espécies conhecidas no Brasil, sendo que três delas se encontram no rio dos Sinos, faz o ninho no barranco do rio, próximo à mata ciliar; Lontra: Mamífero aquático ameaçado de extinção no Rio Grande do Sul que se alimenta de peixes e moluscos; Lagartixa: Pequeno lagarto que foi introduzido no Brasil, possui hábitos domiciliares e se alimenta principalmente de mosquitos, o que o faz importante no controle de insetos.

Entre os municípios de Taquara e Sapiranga a densidade populacional aumenta, ainda que estas grandes cidades não estejam localizadas nas margens. Esta porção do rio não apresenta características tão rurais como na parte superior. Quanto à economia da região média do rio dos Sinos, possui um ramo industrial baseado na produção de calçado e materiais feitos de couro, logo existindo também grande quantidade de curtumes.

4.3.2. Diário de Viagem: A exploração

Para a realização deste trabalho de campo, na região média-baixa do rio dos Sinos, de Campo Bom até Canoas, foram necessários três dias – um no mês de julho, o seguinte no mês de agosto e o último em outubro de 2015 – para a obtenção dos registros fotográficos. Esta viagem teve como finalidade captar imagens do rio dos Sinos em sua época de enchentes para mais adiante, na época de verão, fazer novos registros e, a partir disso realizar um comparativo que mostrasse as diferenças na paisagem em cada estação climática. No inverno, os níveis do rio em algumas zonas chegaram a 7,83 metros, alagando zonas residenciais e obrigando assim muitas famílias a deixarem suas casas. Esta foi uma das maiores enchentes registradas desde agosto de 1965.

“Chove há muitos dias no Rio Grande do Sul, isso é típico no inverno” falam alguns dos residentes. Mas neste inverno de 2015 houve uma diferença, pois, os níveis da água dos rios subiu mais que o normal. Ironicamente, em minha residência, na cidade de Viamão-RS, não muito longe dali, não tínhamos abastecimento de água, pois os níveis de um arroio no município de Alvorada haviam subido até alcançar as bombas que abastecem a parte de Viamão, e estas deixaram de funcionar. Para o uso básico (banheiro, roupas, etc.) coletávamos as águas das chuvas, que ajudavam muito. Percebi que até eu, que me encontrava numa zona relativamente distante dos grandes rios, fui afetada pelas condições climáticas do fenômeno El

Niño. No Brasil, quando ocorre este fenômeno, ocasiona em mais chuvas na região Sul e secas mais extremas no Nordeste do país.

No dia 25 de julho, apesar da chuva, estava decidida a fazer uma viagem ao Sinos, já imaginava sua dimensão segundo o que havia visto próximo à nascente na época de verão. Peguei as ferramentas de trabalho com a máquina fotográfica, roupa de chuva, botas de borracha, sacolas para proteger os objetos frágeis, guarda chuva, mapa, a moto e a companhia do geógrafo que sempre me acompanhou nas aventuras. Estávamos prontos para visualizar a paisagem do rio em todo esplendor de uma cheia fora do comum.



Fig 42 Irised Johanna Garavito. Registros de viagem novo Hamburgo julho 2015.



Fig 43 Irised Johanna Garavito. Rio dos Sinos, Campo Bom e Novo Hamburgo, 20 de outubro de 2015

A primeira parada foi entre os municípios de Campo Bom e Novo Hamburgo. Decidimos entrar numa das ruas que, segundo o mapa, chegaria próximo da margem do rio. Ali encontramos a estrada. Estava fechada, por que o rio tinha transbordado e havia tomado conta dela. Então voltamos à estrada de asfalto para chegar mais perto de Campo Bom por outro caminho, encontrando por fim o leito principal do rio. A chuva forte não permitiu que seguissemos o caminho e quando anoiteceu decidimos ir embora com os registros que havíamos conseguido.

A situação era bastante complicada, as pessoas também interferiam no rio, pois construíram suas casas e vias de acesso muito próximas da margem, ou seja, perto de sua zona de enchentes, o que é naturalmente a várzea do rio. Aquilo era uma constante briga por território, o rio lutava com suas forças para recuperar o que tinha perdido e por outro lado as famílias se tornavam também vítimas da enchente, sofrendo uma desterritorialização, talvez sem poder contar com novas oportunidades de recomeçar uma vida digna. Haviam decidido lutar contra o rio por sua moradia, colocando muros, sacos de areia e até aprofundando o fundo do rio para impedir que este saísse de seu canal principal.

São situações complexas que deixam os seres humanos como únicos culpados. Mas é uma culpa inconsciente para alguns, pois o crescimento populacional tem obrigado estas pessoas a se mobilizar, com rumo às grandes cidades que à primeira

vista lhes oferecem melhores oportunidades, e isso acaba levando-os a fazer ocupações irregulares em áreas de proteção permanente e de risco, como beiras de rios e lagoas, criando também zonas de pobreza nas periferias urbanas.

dia 20 de agosto, depois de melhorar um pouco a condição climática, mais sem

Nos dias seguintes as chuvas não paravam, quase todos os municípios se veiam afetados pelas chuvas.

No dia 20 de agosto já havia melhorado um pouco a condição climática, mas os níveis dos rios ainda estavam altos, então decidi fazer outra viagem para obter novos registros. Fomos novamente ao município de Campo Bom, seguindo o rumo do rio pela estrada Pio XII na zona rural, encontrando um Sinos muito maior que em outras oportunidades. Logo nos direcionamos a Novo Hamburgo realizando mais registros fotográficos (Fig 43).

Duas semanas depois realizamos outra visita. Desta vez na região inferior do Sinos, entre os municípios de Nova Santa Rita, Esteio e Canoas. As condições na região não eram nada positivas, pois as fortes chuvas dos últimos meses tinham feito que o Sinos recuperasse seu espaço natural e transbordasse.



Fig 44 Irised Johanna Garavito. Registros Nova Santa Rita-RS. Agosto de 2015.

O primeiro município visitado foi Nova Santa Rita, o qual fica localizado no médio de dois grandes rios o Sinos e o rio Caí. Esta é uma zona onde devido a sua baixa altitude (apenas 29 metros), é muito suscetível a enchentes. Foi difícil acessar a margem do rio dos Sinos, mas no caminho encontramos algumas famílias arrumando suas casas afetadas pelas tormentas, suas construções estavam inundadas pelas enchentes e haviam muitas perdas materiais.

Em seguida nos dirigimos a Canoas pela Rodovia do Parque (BR-448), que segue ao lado do leito do rio. Aquele lugar estava completamente alagado, parecia uma só lagoa cortada na metade pela rodovia. Era uma sensação muito complicada, pois era esteticamente bela, mas preocupante pela população que mora no lugar.



Fig 45 Irised Johanna Garavito. Registros feitos Rodovia do Parque, Canoas RS

No dia 17 de outubro realizamos a terceira e última viagem pela área transbordada do rio dos Sinos. Nesta época de enchentes, a finalidade foi chegar até a foz do Sinos no rio Jacuí, mais precisamente na Praia Paquetá.

Nesta oportunidade começamos a viagem em Porto Alegre para ver de perto a situação do Guaíba que também tinha subido seu nível até inundar parte do Cais da Av. Mauá. Segundo os meios de comunicação, "A chuva que atinge o estado desde a semana passada provocou transtornos em muitas cidades. Resultado da chuva dos últimos dias, o nível do Guaíba em Porto Alegre está em 2,80m, e oscilou até 2,81m na

*madrugada desta segunda (12 de outubro). É a maior marca desde 1967*³⁷.

Seguimos o percurso pela estrada Marechal Osório para acessar a Rodovia do Parque que nos levaria até a avenida Canoas, ali se encontra o acesso à praia Paquetá, que era o destino do dia. Ao chegar quase ao fim da avenida Canoas encontramos a zona inundada e não dava passo. O rio dos Sinos havia transbordado novamente e a única forma de chegar à praia era de barco. O acesso era restringido apenas para moradores, pois estavam ocorrendo casos de pessoas saqueando seus pertences, quando deixavam suas casas sozinhas. A praia Paquetá estava totalmente inundada e nesta vez a força da união dos rios parecia que ganhava a batalha.

A entrada da Praia Paquetá foi a última parada dessa viagem pelo transbordado rio dos Sinos durante o inverno de 2015. Agora a ideia seguinte era realizar novos registros daqueles mesmos lugares em épocas de verão, já em 2016.

³⁷ <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/10/apos-enchentes-chuva-deve-dar-tregua-no-rs-ate-terca-feira.html>



Fig 46 Irised Johanna Garavito. Registros, Rodovia do Parque e avenida Canoas, 17 de outubro de 2015.

4.3.3. Diário de Viagem: Re-conhecimento

Nesta oportunidade, a viagem se tratou de revisitar aqueles lugares que já havia visitado no inverno. Esta seria feita também em duas partes. Procurei realizar cada fotografia em pontos de vista semelhantes aos dos registros do inverno, para depois fazer uma comparação entre elas. Dali, escolhi seis imagens que originaram o Transborda-Dos.

No dia 02 de fevereiro de 2016, saímos da cidade de Viamão em direção a Novo Hamburgo e Campo Bom pela rodovia RS-118, procurando as mesmas coordenadas onde foram tomadas as fotografias em meses passados. Ainda que este caminho era um pouco mais longo, decidimos fazê-lo porque tinha menos trânsito e por que facilitava chegar na zona rural de Campo Bom. Foram percorridos cerca de 85 quilômetros até o nosso destino. Ali fizemos também um percurso a pé para realizar as fotografias.

Depois, continuamos o caminho de moto até a cidade de São Leopoldo. Neste ponto terminei de registrar as imagens que buscava e, como já se aproximava o anoitecer, decidimos voltar pela BR-116, chegando de volta à casa. No total desta viagem percorremos cerca de 120 quilômetros, sem contar as idas e vindas para encontrar os lugares exatos onde havia tomado as imagens anteriores.



Fig 47 Rota para trabalho de campo dia 02 de fevereiro de 2016.
Imagem *Google Maps*

Já no dia 13 de fevereiro, realizamos a segunda e última viagem pelo rio dos Sinos para a realização do trabalho Transborda-Dos. Nesta ocasião a ideia era fazer o registro fotográfico da zona baixa do rio até a sua foz.

Novamente partimos de Viamão, pela rodovia Free-Way (BR-290) e pela Rodovia do Parque. A primeira parada foi no município de Nova Santa Rita.

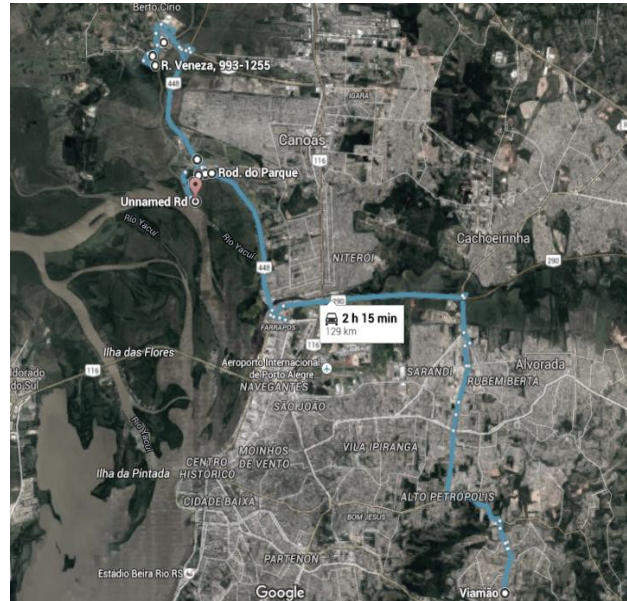


Fig 48 Rota saída de campo 13 de fevereiro de 2016. Imagem Google Maps.

Esta parte da viagem foi muito complicada, pois não achávamos o lugar exato onde tinham sido feitos os registros anteriores. As coordenadas davam em lugares onde não reconhecia visualmente. Parecia que nunca havia estado ali e achei muito estranho que, em menos de 6 meses, a paisagem tivesse mudado tanto. Enfim, foram várias horas de busca sem sucesso. Como cada situação apresentada pela viagem, tínhamos que tomar decisões: neste momento foi

de deixar o lugar indo a procura dos outros destinos. Não sabia se era uma má jogada da mente ou simplesmente, por alguma razão que não entendia, a vida não queria que passássemos de novo naquele lugar. Tudo acontece por alguma razão.

Quase na metade da tarde, nos dirigimos até a Praia Paquetá, parando para fazer alguns registros no caminho. Ao chegar no destino, depois de trabalhar paramos para almoçar e acompanhamos o movimento das pessoas que disfrutavam das águas da foz do rio dos Sinos. Uma experiência que nunca imaginei que passaria,

pois pela experiência em meu trabalho no rio Tunjuelo, isso nunca seria possível. Mas ao conhecer o Sinos e após ter percorrido boa parte de seus 190 quilômetros de margens, pude criar confiança e com gosto entrei em suas águas mornas.

4.3.4 Processo de criação Transborda-Dos

Depois de realizados os trabalhos de campo, o passo seguinte era visualizar as imagens obtidas e procurar as que tiveram melhor resultado. Estava a necessidade de que elas fossem visualmente parecidas segundo o ponto de vista, a luz e semelhanças estéticas caso decidisse, durante o processo da experimentação plástica, trançar as imagens como fiz nos trabalhos *TRANSposição* ou *Transandar* (descritos mais adiante neste texto). Após o trabalho na edição, necessário em algumas imagens, só faltava a impressão. Escolhi três imagens desta viagem em épocas de enchentes e suas respectivas reproduções em épocas de verão.

Da mesma forma, mostrarei a seguir algumas imagens que não foram escolhidas para exposição, mas que fazem parte dos resultados.

A experiência de viagem realizada em duas grandes partes me permitiu observar a paisagem do rio dos Sinos em diferentes circunstâncias. Em tempos de enchentes, quando o rio se encontrava com poder em suas águas, quando a sinuosidade de seu leito se tornava ainda maior e seus meandros abandonados se reencontravam e; no seu estado natural na época do verão, com a volta de suas águas ao nível médio,

com meandros voltando a ser parte do leito do rio, outros sendo abandonados de novo e uma interação de vida por todo o lado. É uma situação difícil para um viajante presenciar algo que não está sob seu controle, pois no transcurso da pesquisa tive conflitos de sentimentos frente às paisagens que avistava: pude conhecer o rio, aprender algo dele, nadar por suas águas geladas das nascentes, passar por suas águas tristes e poluídas no médio curso e desfrutar nadando em suas águas mornas já recuperadas na foz e; presenciei também o drama das pessoas que moravam nas margens, perdendo tudo devido à passagem inesperada das enchentes. Foram dois extremos que me deixaram sem palavras, sem saber como demonstrar a impotência que sentia por não poder fazer nada por aquelas pessoas, a não ser registrar estas imagens aqui apresentadas e contar tal experiência a partir delas.

Quanto ao trabalho plástico e visual, procurei entrelaçar as duas experiências de viagem para gerar uma imagem onde pudesse contar de forma *documental* as condições da paisagem, causadas pelas inundações do rio, buscando também um equilíbrio a nível estético.



Fig 50 Irised Johanna Garavito. Registros feitos Rodovia do Parque RS



Fig 51 Irised Johanna Garavito. Registros feitos Campo Bom RS.





Fig 52 Irised Johanna Garavito. Serie Transborda-Dos. Registros Canoas RS



Fig 53 Irised Johanna Garavito. Serie Transborda-Dos. Registros feitos em São Leopoldo RS.



Fig 54 Irised Johanna Garavito. Serie Transborda-Dos. Registros feitos São Leopoldo-RS.

4.4. A paisagem no cotidiano

Segundo a geógrafa Cláudia Pires (2012, pág. 113), “As Paisagens são vivenciadas pelas pessoas que têm nela a construção de seu cotidiano. O pesquisador – não raro um estranho ao lugar – se insere por um determinado tempo e partilha desse cotidiano, bem como partilha suas experiências (...) A paisagem se revela a partir de uma vivência comum”.

Ao se inserir num determinado lugar, o sujeito observador se encontra com características físicas e sociais que interagem no meio. Logo, estas são resignificadas por ele e são representadas de distintas maneiras, segundo o seu próprio olhar. Este conhecimento reflexivo é a carga de conhecimento que a pessoa traz em sua experiência de vida; é sua marca e sua matriz, a partir do percurso de viajante/observador que, além de apenas conhecer um lugar, pode transcender e querer representá-lo a partir da reflexão, dar seus significados e significantes segundo sua necessidade.

Michel Foucault (1970, p. 251), em seu livro *As palavras e as coisas*, fala que “o olhar de um sujeito em um espaço é somente uma representação daquela realidade naquele lugar”. Se fosse feita uma tradução pessoal dessa paisagem em imagens, esses *frames* seriam somente uma forma de ver, uma representação de sua realidade a partir de seu percurso. Dependendo do sujeito e de seu olhar, ele poderá fazer

apenas uma representação estética da paisagem sob um golpe de vista, ou fazer uma ressignificação crítica do que observa. Javier Maderuelo (2006, p. 38) fala sobre a paisagem e suas interpretações:

A paisagem não é o lugar físico, extensão que se vê desde um sítio, mas uma série de ideias, sensações e sentimentos que elaboramos a partir do lugar. Portanto, a ideia de paisagem não se encontra tanto no objeto como no olhar. Não é o que está adiante, mas o que se vê.

Na obra de Magritte, por exemplo, as imagens apresentadas são imagens de seus pensamentos e, por meio delas, se permite que o observador tenha uma reflexão à condição inerente do artista. Nunca é apenas uma representação de aparências, ou da realidade no sentido de ilusão visual. Sua obra revela a distância intrínseca entre o visível e o que é interpretado. O espectador reinterpreta a imagem ao momento que a observa e essa imagem passa a ser a representação de diferentes pensamentos, dependendo de cada observador.

Na geografia cultural o pesquisador mostra como os relatos locais são constituídos num sistema de significação e conectados a outros elementos dentro de um sistema cultural que, por sua vez, é produzido por uma ordem social externa e/ou vice-versa. A partir daí a experiência do observador/pesquisador depende de sua incidência e do tempo que leva conhecendo o lugar, pois seu discurso de viajante ou de passante é consideravelmente diferente por ter um distanciamento crítico, o qual muitas vezes

não teria um residente do lugar. Na sociedade atual, são poucas as pessoas que, quando imersas na paisagem, se questionam sobre ela, considerando-a apenas parte de seu cotidiano. O imediatismo do mundo atual não disponibiliza tempo para a contemplação, pois somos condicionados por uma ordem social previamente estabelecida. Poderíamos, por meio dessa lógica, pensar que todas as paisagens são predeterminadas e estabelecidas pelas relações de poder?

Frente a esta questão, podemos citar as artes políticas e conceituais, que muitas vezes por meio de intervenções na paisagem, criam símbolos de contestação e conscientização dos que passam cotidianamente por aqueles respectivos lugares. Muitas vezes, a mudança na aparência de uma paisagem urbana pode levar à reflexão por parte de quem a observa.

Um dos exemplos da arte política na América Latina é o coletivo Tucumán Arde, criado por um grupo de artistas, sociólogos e jornalistas de Buenos Aires e Rosário, na Argentina, no ano de 1968. Eles realizaram grandes ações artísticas que denunciavam suas inconformidades com a política e com as medidas econômicas neoliberais do momento. Isto por meio de intervenções urbanas como Performance, Grafite, arte de rua, entre outras ações que reivindicaram a arte como atividade intelectual crítica, quebrando as instituições e deixando à margem os habituais dispositivos de representação. Havia nestas intervenções um objetivo claro: se

apropriar dos recursos e manifestações artísticas para exercer a denúncia política. “A arte passa à ação”.

Como forma política, a arte conceitual é pensada como arma. Uma forma de se inserir no campo social para poder transformá-lo, pois nesta o artista é impulsionado por um desejo, por uma inconformidade ou interesse que o leva a uma reflexão.

Para a Convenção Europeia da Paisagem (CEP) no ano 2000 a paisagem na política se incorpora como recurso em si mesma, considerando-a um recurso favorável para a atividade econômica, um elemento essencial do bem-estar individual e social, um componente fundamental do patrimônio cultural e natural contribuindo ao mais completo desdobramento dos seres humanos e à consolidação da identidade. “Reconhecendo que a paisagem é em todas as partes um elemento importante da qualidade de vida das populações, tanto nos meios urbanos como rurais, nos territórios degradados como nos de grande qualidade, nos espaços singulares como nos cotidianos” (CEP, 2000).

4.5 EM TRÂNSITO

É estranho...

Experiências se enlaçam ao redor da paisagem. Caminhos, muitos caminhos, diversas escolhas.

As águas que passaram pelo rio não conseguem regressar, começaram na nascente e logo se vão.

As paisagens do rio dos Sinos mudam todo o tempo, na nascente suas águas cristalinas banham seus caminhos. Mais abaixo estas mesmas águas são misturadas com diferentes produtos químicos usados para as produções agrícolas e com o esgoto de algumas moradias rurais que interferem em sua pureza. As águas do rio vão se convertendo e trocando de cor.

Um pouco mais abaixo, as águas poderosas do rio sinuoso são usadas para verter desperdícios industriais, além do esgoto das cidades. Curtumes, produtos químicos chegam ao rio, transformando sua essência. Mas é estranho, por que logo abaixo, mais perto de sua foz, alimenta cultivos de arroz e legumes, e mais estranho ainda é que na sua desembocadura ao rio Jacuí há quem use suas águas como fonte de lazer tomando banho e pescando.

É estranho... nos contradizemos todo o tempo.

Johanna Garavito

Em Trânsito resulta do caminho percorrido através de diferentes viagens pela bacia hidrográfica do rio dos Sinos. Trânsito vem da palavra em latim "transitus" e é o

particípio passado da palavra transire, que significa atravessar de um lado a outro; cruzar e ir de um lugar a outro. A preposição "Em", antes de "Transito", indica o movimento de um lugar a outro, movimento constante, viagem.

4.5.1 Caracterização física do lugar

A região inferior se encontra localizada entre os municípios São Leopoldo, Sapucaia do Sul, Nova Santa Rita, Esteio e Canoas.

A vegetação desta zona do rio dos Sinos é a floresta estacional semidecidual e apresenta uma zona totalmente desbravada pelo homem, com predomínio de cultivos de feijão, fumo e áreas de pastagem. A cobertura florestal foi praticamente descaracterizada, salvo resíduos de pequenos agrupamentos florestais em áreas de difícil acesso. Entre as espécies nativas da vegetação se identificam: o Ipê Amarelo: uma árvore que perde as folhas nas estações frias do ano. É a árvore símbolo do Brasil; Maricá: Arbusto espinhoso de flores brancas, comum em regiões húmidas; Ingazeiro: Árvore característica de beira de rio que ajuda a proteger o solo da margem, evitando assim erosão. Cipó olho-de-boneca: Cipó da família do guaraná quem tem um fruto que se assemelha com o olho de uma boneca, o qual é toxico, por tanto não pode ser consumido. Aguapé: Planta aquática que vive flutuando nas águas do rio, possui flores roxas que auxiliam na purificação da água.

Já a fauna do lugar se caracteriza por ter: Sapo Cururu: O qual é o maior sapo do Rio Grande do Sul, ainda que se encontra ao longo da bacia hidrográfica do Sinos, predomina na região inferior, já que possui áreas húmidas e banhados. Maçanico: é uma ave que se associa ao banhados, possui algumas espécies migratórias e vivem em bandos podendo voar longas distâncias; O Cágado de Barbicha: é um animal muito comum nas margens do rio dos Sinos, uma espécie de tartaruga que só se distingue delas por que dobra seu pescoço para o lado para colocá-lo dentro do casco; O Jacaré do papo amarelo: é o único crocodiliano do Rio Grande do Sul, é ameaçado de extinção pois necessita grandes zonas de banhado para viver. O aterramento de banhados causa a diminuição da população desta espécie; Mosquito Pernilongo: Inseto que se reproduz nas águas, sofrendo uma metamorfose em seguida e saindo das águas. Só as fêmeas picam os animais maiores.

Esta região se caracteriza pelas declividades suaves e quase nulas, próximas a Campo Bom, com alguns trechos de contra-declives caraterísticos de rios de planície, com formação de meandros e zonas de sedimentação. Pela influência do Delta do rio Jacuí, em tempos de enchentes pode existir um represamento de águas na foz e um conseqüente refluxo de corrente.

Quanto à economia, o trecho inferior, de Campo Bom até a foz do Sinos no delta do Jacuí, é de grande concentração populacional e industrial. Seus principais arroios

drenam grades centros urbanos como em Campo Bom (arroio Schmitdt), Novo Hamburgo (Pampa e Luiz Rau), São Leopoldo (arroio Peão e o canal João Corrêa), Estância Velha e Portão (Portão-Estância Velha), Sapucaia do Sul (José Joaquim) e Esteio e zona norte Canoas (arroio Sapucaia).

Segundo a FEPAM (2000), a qualidade da água na foz do arroio Luiz Rau, que drena a zona central de Novo Hamburgo, apresenta uma qualidade média ruim, de classe 3. O trecho seguinte, de Novo Hamburgo até São Leopoldo, incluindo o canal João Correia, está na faixa de qualidade ruim, também de classe 3, mas não apresenta maior nível de poluição. A foz do arroio Portão-Estância Velha (que drena cerca de 40 curtumes) apresenta um decréscimo de qualidade, sendo classificada como muito ruim, na classe 4. Nos anos de 2007 e 2008 foram incrementados os níveis de poluição neste trecho com relação aos anos anteriores.

Já o trecho final, entre Sapucaia do Sul e a foz do Sinos, apresenta uma pequena melhoria, com qualidade variando entre ruim e regular, ou seja, classe 3 e classe 2 (onde pode haver um abastecimento doméstico após tratamento convencional. Proteção das comunidades aquáticas. Recreação de contato primário. Irrigação de hortaliças e plantas frutíferas. Prática da Aquicultura).

4.5.2. Processo de criação

Em Trânsito surgiu a partir da necessidade de mostrar aquelas imagens que foram parte do caminho percorrido nesta pesquisa. São registros espontâneos feitos no transcurso das múltiplas viagens perto da foz, onde as águas do grande Sinos descansam sobre os fortes braços do Jacuí. Misturando-se em um "ir e vir" e represando-se para celebrar seu encontro. Em meu caminho, depois de muitas procuras, ir e vir pelos seus sinuosos caminhos me ensinou mais que apenas conhecê-lo, mas a conhecer a mim mesma, a percorrer espaços que agora fazem parte de minhas experiências e memórias. Espaços estes que não precisam de muitas palavras e que mostram em cada imagem algum momento vivido, alguma marca que me deixou esse estado "em trânsito" que levo como lembranças e formam parte fundamental da viagem ao rio dos Sinos.

Neste trabalho, são apresentadas imagens de tamanho 15x23 cm, em series de 3 e de 4 fotografias. Num total de 14 imagens.



Fig 551rised Johanna Garavito. Em Trânsito. Fotografias 15x23 em.



Fig 56 Irised Johanna Garavito. Em Trânsito. Fotografias 15x23 em.



Fig 57 Irised Johanna Garavito. Em Trânsito. Fotografias 15x23 cm.



Fig 58 Irised Johanna Garavito. Em Trânsito. Fotografias 15x23 em.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste processo de mestrado acadêmico, a fotografia se converteu numa ferramenta para apresentar os lugares que foram parte de meu percurso, com ênfase na narração da viagem como experiência e da caminhada como prática artística. Ali as possibilidades foram se ampliando a partir de cada trabalho desenvolvido, fazendo uso não só da imagem em 2D, mas também de imagens em movimento como no caso do trabalho *TransRio*. A exploração dos materiais com outras técnicas manuais me levou a transformar a fotografia, desenvolvendo, por meio das artes plásticas, um relevo nas imagens impressas, trançando umas com as outras, atravessando por cima e por baixo, para expressar a sensação do percurso de quem entra e sai de um rio, quem atravessa os caminhos, quem observa o que existe além de uma paisagem.

Neste trabalho foi abordado o conceito da viagem como prática a partir da criação artística, através do olhar como viajante estrangeira sobre a paisagem do rio dos Sinos. Nesta pesquisa tive como objetivo explorar as questões envolvidas na realização de alguns trabalhos, que surgiram como experimentações plásticas e visuais no percurso feito por meio das diversas visitas realizadas na bacia hidrográfica do rio dos Sinos.

Nos trabalhos de campo foi possível visitar três pontos principais do rio, pensados anteriormente como objetivos: a nascente, o médio curso e a foz. Tendo em conta que na pesquisa o que foi chamado de nascente não era necessariamente onde brotavam as primeiras águas, pois não foi possível chegar até lá por motivos de segurança, e não existe passagem específica de acesso ao lugar.

Na fase inicial da pesquisa, havia pensado alguns processos de criação artística, que foram mudando no percorrer da mesma, pois a criação artística pressupõe uma série de escolhas, que às vezes não são convenientes no momento da prática e se deve focar em novos processos, já que por ser uma pesquisa tão curta, como uma dissertação, não há tempo hábil para um desenvolvimento muito amplo do processo criativo.

Esta pesquisa desenvolveu seis conceitos explorando o prefixo "trans", a partir de diferentes trabalhos de campo, em diversas viagens feitas pelas margens do rio. Estes conceitos foram trabalhados plástica e visualmente. Quanto às abordagens teóricas, penso que poderão ser desenvolvidas com maior detalhamento em pesquisas futuras, recriando talvez outras paisagens de outros lugares. Foi possível também nesta pesquisa fazer uma transdisciplinaridade entre conceitos artísticos e geográficos, o que permitiu um desenvolvimento dos conceitos teóricos e dos trabalhos práticos.

Já no processo de montagem para a exposição dos trabalhos, surgirão novos processos a serem pensados e possivelmente emergirão novas problemáticas, bem como soluções para tal processo.

Penso que as experiências vividas nas diferentes viagens ao rio, foram o fio condutor para o trabalho escrito, pois a subjetividade e o sentimento da narração das experiências foram tomando conta da escrita do texto, desenvolvendo-o mais pessoalmente do que teoricamente.

Transviagem: a paisagem do Sinos sob o olhar de uma viajante, me permitiu conhecer e descobrir possibilidades físicas e artísticas que antes não haviam sido por mim exploradas. As diversas viagens feitas pela bacia hidrográfica deste rio fizeram com que surgisse em mim capacidades físicas como resistência, força, e algumas formas de comunicação na língua portuguesa com habitantes dos diversos lugares visitados, além dos conhecimentos adquiridos e das aprendizagens que só a experiência oferece, ao se inserir num lugar desconhecido e observar como viajante estrangeira, reconhecendo e comparando os diferentes lugares e ao mesmo tempo sendo surpreendida por eles. Também a partir destas explorações, se levaram a cabo novas formas de incentivo criador e motivador na elaboração de trabalhos artísticos futuros.

REFERÊNCIAS

- AMAYA, José Antonio. *Bibliografía de la Real Expedición Botánica del Nuevo Reino de Granada*. Bogotá, Instituto Colombiano de Cultura Hispánica 1983
- AUMONT, Jacques. *La imagen*. Editorial Paidós Comunicación, 1992
- BERQUE, Agustín. *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 1998
- BESSE, Jean-Marc. *Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. São Paulo: Perspectiva, 2006
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998
- BOURRIAUD, Nicolas. *Estética relacional 1 edición*. Buenos Aires. Adriana Hidalgo Editora, 2008
- BORDIEAU, Pierre. *El sentido práctico*. Buenos Aires, Argentina. Siglo XXI Editores, 2007
- BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro; civilização Brasileira, 2000.
- CARERI, Francesco, *Walkscapes. El andar como práctica estética*. Barcelona: Ed. Gustavo Gili, SL 2003
- CLARK, Lygia, *Caminhando em busca do próprio caminho*. Disponível em: <<http://www.lygiaclark.org.br/defaultpt.asp>> Acessado em: 22 de Dez. de 2014, 10:00.

CORREA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny (org) *Paisagens textos e identidades*. Rio de Janeiro: ED UERJ, 2004

DE CERTEAU, Michel. *La invención de lo cotidiano*. Universidad ibero-americana, Mexico D.F, 2000

DE LÈRY, Jean. *Viagem à terra do Brasil*. Tradução integral e notas de SÉRGIO MILLIET segundo a edição de PAUL GAFFÁREL. Edi. Biblioteca do Exército. França, 1961

DUARTE JR. *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível*. Campinas,SP: Papyrus, 1991

ECHAVARRIA, Javier. *Um mundo virtual*, Barcelona. Editorial Debolsillo. 2000

FEPAM. *Qualidade das águas da bacia hidrográfica do rio dos Sinos*. 2009-2011 Disponível em: http://www.fepam.rs.gov.br/qualidade/qualidade_sinos/sinos.asp. Acessado em: 10 Jan 2016, 14:25.

FEPAM EM REVISTA: revista da Fundação Estadual de Proteção Ambiental Henrique Luís Roessler / FEPAM. – Porto Alegre vol. 1, n.1 2007

FOSTER, Hal, *El retorno de lo real, la vanguardia a finales de siglo*. Madrid: Ediciones Akal, S. A., 2001

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*; tradução Salma Tannus Muchail. — 8ª ed. — São Paulo: Martins Fontes, 2000

GASTAMINZA, Félix. *Manual de documentación fotográfica*. Madrid: Editorial Síntesis, 1999.

GASTAMINZA, Félix. *La dimensión documental de la fotografía*.
<http://www.ucm.es/info/multidoc/prof/fvalle/Confemex.htm> [procurado 15 de março de 2012]

GONZÁLEZ BUENO, A. *La Naturaleza en imágenes. Los pintores de la Flora del Nuevo Reyno de Granada (1783-1816)*. En José Celestino Mutis en el bicentenario de su fallecimiento (1808-2008), *Monografías de la Real Academia de Farmacia*, 26. Madrid, B. Ribas Ozonas edit. 2009

GRAHAM, Maria. *Diario de su residencia en Chile (1822) y de su viaje al Brasil (1823) San Martin- Cochrane-O'Higgins*. Madrid: Editorial América, (1823)

HUOAISS, A. *Dicionário Huoaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: objetiva, 2007

HOUEL, Jean. *Voyage pittoresque des isles de Sicile, de Malte et de Lipari : où l'on traite des antiquités qui s'y trouvent encore, des principaux phénomènes que la nature y offre, du costume des habitans, et de quelques usages. 2 / par Jean Houel*. Paris: Impr. de Monsieur, 1782-1787

KLINK, Amir. *Mar sem fim*. Brazil: Companhia das Letras, 2000

KELLER, Susanne B. *A respeito da compensação da geografia pelos artistas viajantes nos séculos XVIII XIX*. *Porto Arte*. Revista de Artes Visuais. Porto Alegre, vol. 15. N° 25. Pág. 23-40. 2008

MADERUELO, Javier — *El paisaje: génesis de un concepto*. Madrid: Abada 2006

MANTHORNE, Katherine. *Comisión Corográfica da Colômbia: Um mapa entendido do corpo político*. Porto Arte. Revista de Artes Visuais. Porto Alegre, vol. 15. Nº 25. Pág. 7-21. 2008

MARTINS, Mirian Celeste. *Didática do ensino de arte*. São Paulo: FTD, 1998

MUSEO DE ARTE CONTEMPORANEO DE BARELONA. *Tucumán arde*
<<http://www.macba.cat/es/arxiu-tucuman-arde-documentacio-relativa-a-les-diverses-accions-i-treballs-realitzats-per-aquest-col-lectiu-2789>> Procurado o dia 15 de Dezembro de 2014

NAZARET, Paulo. *Arte contemporânea/ LTDA*
<<http://artecontemporanealda.blogspot.com.ar/>> Procurado o dia 20 de dezembro de 2014

ONFRAY, Michel. *Teoria da viagem: poética da geografia*. Tradução de Paulo Neves, Porto Alegre RS. L&PM, 2009.

PAQUET, Marcel, *Magritte*, Koln: Ed Taschen, 1995

PIRES, Claudia, Z. *Entre o aqui e o além lugar: A paisagem na cidade Jardim*. In: VERDUM, R.; VIERA, L.; PINTO, B.; DA SILVA, L. *Paisagem: leituras, significados e transformações*.—Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012

REY, Sandra. *DesDOBRAMENTOS da paisagem*. In: BULHÕES, M.; KERN, M. *Paisagem: desdobramentos e perspectivas contemporânea*. – Porto Alegre: EDITORA da UFRGS, 2010

ROJAS MIX, Miguel. *Humboldt, la ecología y américa 2009*.

http://miguelrojasmix.net/wp/?p=369 Consultado o dia 15 de Maio de 2016

SALDARRIAGA ROA, Alberto. *El Viaje: el mundo como lugar*. Bogotá, Colômbia. Universidad de Bogotá Jorge Tadeo Lozano, 2011

SITES ONLINE ARTISTAS

PAULO NAZARETH: <http://artecontemporanealda.blogspot.com.br/>



